Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019 – 2023

1ª Edição - 2019

Diretor-Geral:
Mons. Jamil Alves de Souza

Revisão:
Leticia Figueiredo

Capa, projeto gráfico e diagramação:
Henrique Billygran Santos de Jesus

Impressão e acabamento:
Coronário Editora Gráfica Ltda

As citações bíblicas são retiradas da Bíblia Sagrada Tradução Oficial da CNBB, 2ª Edição – 2019.

C748c Conferência Nacional dos Bispos do Brasil / Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023. Brasília: Edições CNBB, 2019.

96 p. : 14 x 21 cm
ISBN: 978-85-7972-746-7

1. Igreja - Evangelização - Missão.
2. Pessoa.
3. Comunidade.
4. Sociedade.

CDU - 262.2

Edições CNBB
SAAN Quadra 3, Lotes 590/600
Zona Industrial – Brasília-DF
CEP: 70.632-350
Fone: 0800 940 3019 / (61) 2193-3019
E-mail: vendas@edicoescnbb.com.br
www.edicoescnbb.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

"chamou os que ele mesmo quis...
para estarem com ele...
e para enviá-los a anunciar..."
(Mc 3,13-15)

O tempo atual exige de todos nós a renovação de forças missionárias para bem cumprir a tarefa de anunciar a Palavra de Deus e, assim, promover a paz, superar a violência, construir pontes em lugar de muros, oferecer a misericórdia de Cristo Jesus como remédio para a vingança e reacender a luz da esperança para vencer o desânimo e as indiferenças. Essa é nossa vocação, pois somos discípulos missionários a anunciar o Reino de Deus até a plenitude.

Vivemos um tempo em que somos desafiados, igualmente, a apostar e a viver testemunhando a fraternidade e a solidariedade de forma efetiva junto aos irmãos e irmãs, em todas as circunstâncias da vida, iluminados e comprometidos pela evangélica opção preferencial pelos pobres. Assim, contribuímos para qualificar nossa cidadania nessa tarefa permanente de construção de uma sociedade assentada sobre os valores do Evangelho de Jesus Cristo.

Por isso, vocacionada a evangelizar, a Igreja se volta incessantemente ao seu Senhor para, nele e com ele, compreender a realidade em que se encontra e discernir caminhos para cumprir a tarefa missionária dele recebida, consciente da realidade cultural cada vez mais urbana no Brasil, com todas as suas complexidades, desafios e oportunidades. Desse modo, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil são o caminho encontrado para responder aos desafios de um país que, na segunda década deste século XXI, experimenta grandes transformações em todos os âmbitos. A Igreja acolhe a convocação do Papa Francisco e, no cumprimento de sua missão, quer colaborar para que se encontre um novo rumo para as pessoas e a sociedade (LS, n. 53). Seu ponto de partida e seu sustento estão sempre no reconhecimento de que, por maiores que sejam os desafios e as angústias, o Senhor Jesus se faz presente, Ressuscitado e Vitorioso sobre a morte e o pecado, caminhando conosco, seus discípulos, para nos fortalecer e nos levar a proclamar a alegria do Evangelho (Lc 21,13-35).

Estas Diretrizes se constroem à imagem da Casa. Em seu duplo movimento, a Casa permite o ingresso e a saída. É, ao mesmo tempo, lugar de acolhimento e envio. Com isso, ela remete aos dois grandes eixos inspiradores dessas Diretrizes: comunidade e missão. A Casa é a imagem do que as Diretrizes chamam de *comunidades eclesiais missionárias*.

De fato, esses dois grandes eixos se supõem mutuamente. Ser cristão implica, entre outros aspectos, viver em comunidade (At 4,32-33), estabelecendo vínculos muitas vezes mais fortes do que os laços de sangue (Lc 8,19-21). Implica igualmente o

desejo de transbordar essa experiência para todas as criaturas até os confins da Terra (At 1,8). Por isso, não se pode separar uma dimensão da outra. Comunidades que não geram missionários são tristes expressões da esterilidade de quem perdeu seu rumo na vivência do Evangelho. Missionários que não se fundamentem na vida em comunidade correm o risco de se tornar andarilhos solitários, sem referências existenciais para sua atuação. Nascida e alimentada no coração da vida comunitária, a missão gera novas comunidades e, nesse movimento, interpela a sociedade, chamando todos à conversão.

Para levar adiante essa missão, foram identificados quatro *pilares*, à semelhança dos que sustentam uma casa. São eles: a *Palavra*, o *Pão*, a *Caridade* e a *Ação Missionária*. Com isso, estabelece-se forte linha de continuidade com as duas Diretrizes anteriores. Estas, com suas *urgências*, buscaram ajudar a Igreja no Brasil a assumir os desafios do tempo presente. Agora, é o momento de recolher os frutos da caminhada empreendida, firmar ainda mais o foco e, por meio dos planejamentos locais, nas dioceses e demais organizações, cumprir, em unidade, a vocação evangelizadora.

Inspirados pelo apóstolo Paulo, recordando seu sentimento ao dizer "Ai de mim, se eu não anuncio o evangelho!" (1Cor 9,16), possam estas Diretrizes arder em nosso coração. Possam nos impulsionar a Evangelizar no Brasil cada vez mais urbano, em comunidades eclesiais missionárias, pelo anúncio da Palavra de Deus, para formar discípulos e cuidar da Casa Comum.

Acompanhe-nos a Virgem Maria, Senhora da Conceição Aparecida, Rainha e Padroeira do Brasil, com sua proteção materna e intercessora, inspirando-nos o seu SIM de discípula exemplar.

Brasília, 14 de maio de 2019
Festa do Apóstolo São Matias

Dom Walmor Oliveira de Azevedo *Arcebispo de Belo Horizonte – MG* *Presidente*	*Dom Jaime Spengler, OFM* *Arcebispo de Porto Alegre – RS* *1º Vice-Presidente*
Dom Mário Antônio da Silva *Bispo de Roraima – RR* *2º Vice-Presidente*	*Dom Joel Portella Amado* *Bispo Auxiliar de São Sebastião do Rio de Janeiro - RJ* *Secretário-Geral*

LISTA DE SIGLAS

AG *Ad Gentes*

AL *Amoris Laetitia*

CIC *Codex Iuris Canonici*: Código de Direito Canônico

CIgC Catecismo da Igreja Católica

ChV *Christus Vivit*

DAp Documento de Aparecida

DCE *Deus Caritas Est*

DD *Dies Domini*

DGAE Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil

DP *Dignitas Personae*

DV *Dei Verbum*

EG *Evangelii Gaudium*

EN *Evangelii Nuntiandi*

GeE *Gaudete et Exsultate*

GS *Gaudium et Spes*

LE *Laborem Exercens*

LF *Lumen Fidei*

LG	*Lumen Gentium*
LS	*Laudato Si'*
MV	*Misericordiae Vultus*
NMI	*Novo Millennio Ineunte*
PD	*Placuit Deo*
PF	*Porta Fidei*
RMi	*Redemptoris Missio*
SCa	*Sacramentum Caritatis*
SS	*Spe Salvi*
VD	*Verbum Domini*

OBJETIVO GERAL

EVANGELIZAR

no Brasil cada vez mais urbano,

pelo anúncio da Palavra de Deus,

formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo,

em *comunidades eclesiais missionárias*,

à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,

cuidando da Casa Comum e

testemunhando o Reino de Deus

rumo à plenitude.

INTRODUÇÃO

1. Jesus Cristo, o missionário do Pai, veio anunciar a Boa--Nova do Reino de Deus, que instaurou, com a sua encarnação, vida, morte e ressurreição e é o "Reino da verdade e da vida, Reino da santidade e da graça, Reino da justiça, do amor e da paz".[1] Confirmados pelo Espírito Santo, em Pentecostes, os apóstolos começaram a anunciar, fiéis ao mandato recebido e confiaram a outros a mesma missão: "Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho a toda a criatura!" (Mc 16,15). Essa responsabilidade missionária chega até nós.

2. Na busca de ser fiel a esse mandato, São João XXIII convidou, com insistência, os Bispos do Brasil a prepararem o primeiro plano pastoral[2] e, "daquele início, cresceu uma verdadeira tradição pastoral no Brasil, que fez com que a Igreja não fosse um transatlântico à deriva, mas tivesse sempre uma bússola".[3] As Diretrizes para a Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE) constituem uma das expressões mais significativas da colegialidade e da missionariedade da Igreja no Brasil.

3. As DGAE 2011-2015, no processo de recepção do *Documento de Aparecida*, organizaram-se a partir de cinco urgências, estado permanente de missão; iniciação à vida cristã, animação bíblica da vida e da pastoral; comunidade de comunidades; serviço à vida plena para todos. Enriquecidas pelo início do Magistério do Papa Francisco, as DGAE 2015-2019 mantiveram

1 MISSAL ROMANO. Prefácio da Solenidade de Cristo Rei.
2 JOÃO XXIII. *Discurso aos cardeais, arcebispos e bispos participantes da segunda reunião do Conselho Episcopal Latino-Americano*, 15 de novembro de 1958, 2.
3 FRANCISCO. *Discurso no encontro com o episcopado brasileiro durante a JMJ, 27/07/2013.*

as mesmas urgências e continuaram inspirando o planejamento da Pastoral de Conjunto das nossas Igrejas particulares.

4. Avançando nesse processo, especialmente diante da cultura urbana, cada vez mais abrangente, as DGAE 2019-2023 estão estruturadas a partir da *Comunidade Eclesial Missionária*, apresentada com a imagem da "casa", "construção de Deus" (1Cor 3,9). Casa, entendida como "lar" para os seus habitantes, acentua as perspectivas pessoal, comunitária e social da evangelização, inserindo, no espírito da *Laudato Si'*, a perspectiva ambiental. Em tudo isso, convida todas as comunidades eclesiais a abraçarem e vivenciarem a missão como escola de santidade (NMI, n. 30-1).[4]

5. "Criar 'um lar', em suma, é criar uma família; é aprender a se sentir unidos aos outros mais além dos vínculos utilitários ou funcionais, unidos de tal maneira que sintamos a vida um pouco mais humana. Criar lares, 'casas de comunhão', é permitir que a profecia tome forma e torne as nossas horas e nossos dias menos inóspitos, menos indiferentes e anônimos. É tecer laços que se constroem com gestos simples, cotidianos e que todos nós podemos realizar. Um lar, todos o sabemos muito bem, precisa da cooperação de todos. Ninguém pode ser indiferente ou alheio, já que cada um é pedra necessária em sua construção. E isso implica pedir ao Senhor que nos dê a graça de aprender a termos paciência, de aprender a perdoar a si mesmo; aprender todos os dias recomeçar" (ChV, n. 217).[5]

6. Casa é aqui a imagem de maior proximidade às pessoas, o lugar onde vivem, mesmo àquelas que só têm a rua como casa. Ela indica a proximidade relacional entre as pessoas que

4 SÃO JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*: ao episcopado, ao clero e aos fiéis no término do grande Jubileu do Ano 2000. Vaticano: 6 jan. 2001; cf. Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*.

5 FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Chritus Vivit*. (Documentos Pontifícios - 37). Brasília: Edições CNBB, 2019.

ali convivem. Indica igualmente a necessidade da Igreja se fazer cada vez mais presente nos locais onde as pessoas estão, seja onde for.

7. Essa casa é a comunidade eclesial missionária. Suas portas estão continuamente abertas para o duplo movimento permanente: entrar e sair. São portas que acolhem os que chegam para partilhar suas alegrias e sanar suas dores. Estão igualmente abertas para sair em missão, anunciando Jesus Cristo e seu Reino, indo ao encontro do outro, especialmente dos pobres e sofredores. Em tudo isso, o rosto de misericórdia do Cristo Senhor é manifestado (MV, n. 1).[6] Assim, missão e comunidade são como dois lados da mesma moeda. A comunidade eclesial autêntica é, necessariamente, missionária e toda missão se alicerça na vida de comunidade e tende a gerar novas comunidades.

8. A comunidade eclesial missionária é sustentada por quatro pilares: Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária. Em cada um deles, as urgências anteriores são reagrupadas e permanecem mostrando sua atualidade:

- Palavra – iniciação à vida cristã e animação bíblica;
- Pão – liturgia e espiritualidade;
- Caridade – serviço à vida plena;
- Ação Missionária – estado permanente de missão.

9. A Igreja no Brasil, recordando sua longa tradição de contemplar o momento histórico presente e sabendo de sua importância, busca, mais uma vez, identificar causas e discernir consequências evangelizadoras. Por isso, ela volta a se perguntar: "o que é feito em nossos dias, daquela energia escondida da Boa-Nova, suscetível de impressionar profundamente

6 FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*: Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. (Documentos Pontifícios - 20). Brasília: Edições CNBB, 2015.

a consciência dos homens? Até que ponto e como é que essa força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século? Quais os métodos que hão de ser seguidos para proclamar o Evangelho de modo que a sua potência possa ser eficaz?" (EN, n. 4).[7] "Trata-se de pôr a missão de Jesus no coração da Igreja, transformando-a em critério para medir a eficácia de suas estruturas, os resultados de seu trabalho, a fecundidade de seus ministros e a alegria que eles são capazes de suscitar. Porque, sem alegria, não se atrai ninguém".[8]

7 SÃO PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*: Exortação Apostólica sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo. Roma: 8 de dezembro de 1975.

8 CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. *Guia para o mês missionário extraordinário*. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 9.

CAPÍTULO 1

O ANÚNCIO DO EVANGELHO DE JESUS CRISTO

"Jesus percorria, então todas as cidades e povoados, ensinando em suas sinagogas, proclamando o Evangelho do Reino". (Mt 9,35)

10. O mundo urbano atual, cuja mentalidade está presente na cidade e no campo, embora marcado por contradições e desafios, é lugar da presença de Deus, espaço aberto para a vivência do Evangelho. Nesse mundo também é possível concretizar a coexistência fraterna, na qual se realiza a promessa do Senhor: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estarei, no meio deles" (Mt 18,20).

11. A descoberta dessa presença se realiza dentro das culturas. Inserida na vida de pessoas e povos, a Igreja busca escutar suas angústias, compartilhar suas alegrias, compreender suas mentalidades e interpelar seus contravalores. Por isso, ela anuncia e testemunha "o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus" (EN, n. 22). O testemunho e o anúncio rejuvenescem a Igreja. Sempre que ela procura "voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes,

palavras cheias de renovado significado para o mundo atual" (EG, n. 11).[9]

1.1. Fidelidade a Jesus Cristo, Missionário do Pai

12. "Para mim, de fato, o viver é Cristo!" (Fl 1,21) Somos todos convidados a renovar o encontro pessoal com Cristo e tomar a decisão de deixar-se encontrar por Ele, pois, "a vida que Jesus nos dá é uma história de amor, uma história de vida que quer se misturar com a nossa e criar raízes na terra de cada um" (ChV, n. 252). Afinal, "ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo" (DCE, n. 1).[10] Esse encontro provoca uma conversão de vida que leva ao discipulado, gera comunidade e impele a sair em missão (DAp, n. 278).[11]

13. O anúncio de Jesus Cristo se faz no horizonte do *Reino de Deus*, que é o centro de sua vida e de sua pregação. Jesus "percorria cidades e povoados, proclamando e anunciando o Evangelho do Reino de Deus" (Lc 8,1). "O Reino de Deus é um dom, e por isso mesmo é grande e belo, constituindo a resposta à esperança. (...) Este é, sempre, mais do que aquilo que merecemos, tal como o ser amados nunca é algo 'merecido', mas um dom. Porém, (...) permanece igualmente verdade que o nosso agir não é indiferente diante de Deus e, portanto, também não o é para o desenrolar da história. Podemos abrir-nos, nós mesmos e o mundo, ao ingresso de Deus: da verdade, do amor e do bem.

9 FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium:* a Alegria do Evangelho. (Documentos Pontifícios - 17). Brasília: Edições CNBB, 2015.

10 BENTO XVI. *Deus Caritas Est*: Carta Encíclica sobre o amor cristão. (Documentos Pontifícios - 1). Brasília: Edições CNBB, 2007.

11 CELAM. *Documento de Aparecida*: Documento Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília-São Paulo: Edições CNBB-Paulus-Paulinas, 2008.

É o que fizeram os santos que, como 'colaboradores de Deus' contribuíram para a salvação do mundo (1Cor 3,9; 1Ts 3,2)" (SS, n. 35).[12]

14. Como o Reino é de Deus, o discípulo o acolhe por meio da fé (Mc 1,15), pois, "o primado é sempre de Deus", "a verdadeira novidade é aquela que o próprio Deus misteriosamente quer produzir", "a iniciativa pertence a Deus" (EG, n. 12). "Dado que não se pode conceber Cristo sem o Reino que Ele veio trazer", a missão que a Igreja recebeu requer o compromisso de construir, com Cristo, este Reino de amor, justiça e paz para todos (GeE, n. 25).[13] Desse acolhimento, brota o compromisso pela edificação do Reino neste mundo.

15. A compreensão deste princípio fundamental torna atraente o Evangelho e sua mensagem, sal da terra e luz do mundo (Mt 5,14). O contrário pode levar a distorções denunciadas pelo Papa Francisco: *o neo-gnosticismo e o neo-pelagianismo*. Ambos, por caminhos semelhantes, sufocam e deformam Evangelho do amor gratuito de Deus com uma afirmação prepotente do ser humano: sua racionalidade e suas capacidades intelectuais (gnosticismo) e sua força de vontade e sua capacidade técnica, rejeitando a graça de Deus pela autossuficiência (pelagianismo). Contra ambos, o Santo Padre recorda que "a Igreja ensinou repetidamente que não somos justificados pelas nossas obras ou pelos nossos esforços, mas pela graça do Senhor que toma a iniciativa" (GeE, n. 52).

16. O dom da graça "ultrapassa as capacidades da inteligência e as forças da vontade humana" (CIgC, n. 1998).[14] Com base nesse ensinamento, o Papa Francisco exorta: "Esta é uma das grandes convicções definitivamente adquiridas pela Igreja

12 BENTO XVI. *Carta Encíclica Spe Salvi sobre a esperança cristã*. (Documentos Pontifícios - 2). Brasília: Edições CNBB, 2007.

13 FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate:* sobre o chamado à santidade no mundo atual. (Documentos Pontifícios - 33). Brasília: Edições CNBB, 2018.

14 SANTA SÉ. *Catecismo da Igreja Católica*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

e está tão claramente expressa na Palavra de Deus que fica fora de qualquer discussão. Esta verdade, tal como o supremo mandamento do amor, deveria caracterizar o nosso estilo de vida, porque bebe do coração do Evangelho e nos convida não só a aceitá-la com a mente, mas também a transformá-la em uma alegria contagiosa" (GeE, n. 55).

17. A experiência desse amor gratuito e transformador gera fraternidade que se concretiza em comunidades de fé, na quais a vida, com suas alegrias e dores, é partilhada. Através do relacionamento fraterno, criam-se laços muitas vezes mais fortes que os de sangue (Lc 8,19-21). São eles que sustentam nos momentos de fragilidade, convertem corações, fortalecem na vida de oração e põem a Igreja em estado permanente de missão e a fazem existir em saída (EG, n. 20), com "prudência e audácia", "coragem" e "ousadia" (EG, n. 33, 47, 85, 129, 167, 194). "Por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inesgotável de oferecer misericórdia" (EG, n. 49).

18. Quando contemplamos o Evangelho, encontramos dois verbos que marcam a relação de Jesus com os discípulos: "vinde" e "ide". Jesus que chama é o mesmo Jesus que envia (Mc 3,13-15). Ele chama para estar consigo e para sair em missão. Por isso, não se pode separar a vida em comunidade da ação missionária, como se uma só dessas dimensões bastasse. "A vida nova de Jesus Cristo atinge o ser humano por inteiro e desenvolve em plenitude a existência humana 'em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural'" (DAp, n. 356). As primeiras comunidades buscaram acolher, compreender e vivenciar esta integração entre a experiência comunitária da fé e a ação missionária (At 12,1-5), testemunho que ressoa até hoje na vida da Igreja (At 5,42).

1.2. Igreja: comunidade de discípulos missionários de Jesus Cristo

19. A Igreja é a comunidade dos discípulos missionários de Jesus Cristo, que é a luz única para pessoas e povos (Jo 14,6) (LG, n. 1).[15] "Isso que vimos e ouvimos, nós vos anunciamos para que estejais em comunhão conosco (...) para que a nossa alegria seja completa" (1Jo 1,3-4). Anunciar o amor de Deus, revelado em Jesus Cristo, e partilhar a alegria que se experimenta na conversão e na vida nova, indicando o "horizonte estupendo" de vida, que se abre a partir da comunhão com Ele, é o centro da missão da Igreja (EG, n. 14). Ela é consciente de que é enviada ao *mundo para evangelizar*. Com entusiasmo e esperança, anuncia e testemunha que a plenitude de vida, experimentada na comunhão fraterna, é dádiva oferecida por Deus a todas as pessoas. "Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?" (EG, n. 8).

20. A experiência do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo, dom salvífico para toda a humanidade, acontece através da mediação dos outros (Rm 10,14). Com a vida fraterna das comunidades, o testemunho de santidade de muitos de seus membros – que é "o rosto mais belo da Igreja" e reflexo da "santidade de Deus neste mundo" (GeE, n. 9 e 12) – com as obras de misericórdia, a solidariedade com os sofredores, a colaboração na construção de uma sociedade justa e pacífica e, sobretudo, com o anúncio explícito e incansável de Jesus Cristo, a Igreja manifesta ao mundo a "razão da vossa esperança" (1Pd 3,15). Nesse sentido, torna-se urgente um testemunho de amor fraterno muito eloquente, que ajude a superar o escândalo da divisão existente entre os seguidores de Jesus através do respeito, do

15 CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: SANTA SÉ. *Concílio Ecumênico Vaticano II:* Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 75-173.

diálogo e da profunda conversão a Cristo, para realizar a oração de Jesus: "Pai, que todos sejam um, para que o mundo creia!" (Jo 17,21).

1.3. Missão: anúncio que se traduz em palavras e gestos

21. Com as palavras: "Ide, pois, e fazei discípulos todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-os a observar tudo o que vos mandei" (Mt 28,19-20a), Jesus Cristo não confiou aos seus seguidores uma tarefa simples, mas *conferiu-lhes uma identidade* que os projeta para além de si, na comunhão com a Santíssima Trindade, em favor do mundo inteiro, por meio do testemunho, do serviço e do anúncio do Reino de Deus.

22. A missão eclesial tem sua *fonte* e *origem* em Deus mesmo. Da Trindade Santa transborda o amor que se manifesta na missão do Filho e do Espírito Santo, enviados do Pai. "De tal modo Deus amou o mundo, que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3,16). Encarnando-se, esvaziou-se e se fez pobre, enriquecendo-nos com a sua graça, a de ser Filho de Deus (Jo 1,14; Fl 2,5; 2Cor 8,9; Jo 1,12). Ele "quer comunicar-nos a sua vida e colocar-se a serviço da vida" (DAp, n. 353). Ressuscitado, "derramou" o Espírito (At 2,33), força do alto para o testemunho missionário (Lc 24,49) e princípio da nova criação reconciliada (Jo 20,22-23). "No ápice da missão messiânica de Jesus, o Espírito Santo aparece, (...) como aquele que deve continuar agora a obra salvífica, radicada no sacrifício da cruz. Esta obra, sem dúvida, foi confiada aos homens: aos Apóstolos e à Igreja. No entanto, nestes homens e por meio deles, o Espírito Santo permanece o sujeito protagonista transcendente da realização dessa obra, no espírito do homem e na história do mundo" (RMi, n. 21).[16] Ele, que, de algum modo, "já

16 SÃO JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*, 7 de dezembro de 1990.

operava no mundo antes de Cristo ser glorificado" (AG, n. 4),[17] "é a alma da Igreja evangelizadora" a quem pedimos, incessantemente, "que venha renovar, sacudir, impelir a Igreja numa decidida saída de si mesma a fim de evangelizar todos os povos" (EG, n. 261).

23. Em decorrência desse princípio, a missão parte do encontro com Cristo e a Ele conduz. Por isso, não pode ser compreendida como uma propaganda, um negócio, um projeto empresarial ou uma organização humanitária (EG, n. 279). Ela é "partilha de uma alegria", indicação de um "horizonte estupendo", não podendo se realizar por proselitismo, mas somente "por atração".[18] Só assim, o anúncio em palavras e gestos se torna significativo, pois responde a um anseio suscitado pelo testemunho pessoal e comunitário, que se expande e se irradia, especialmente através da solidariedade. Esta deverá sempre ser resultado de sincera busca por uma pessoal vivência da conversão e da santidade, único programa pastoral irrenunciável (NMI, n. 29).

24. A vivência cotidiana do amor fraterno em comunidade constitui uma forma privilegiada de testemunho cristão. Ao entregar aos seus apóstolos o mandamento novo, Jesus afirma: "Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns para com os outros" (Jo 13,35). Os Atos dos Apóstolos testemunham a eficácia desta palavra de Jesus na vida da Igreja nascente, que exercia grande atração pelo seu testemunho de fé, de oração e de comunhão fraterna (At 2,44-47; 4,32). O amor fraterno vivido nas comunidades cristãs despertava nos pagãos uma profunda admiração: "Vede como se amam. (...) estão prontos a morrer uns pelos outros".[19] A vida fraterna em pequenas comunidades – abertas, acolhedoras, misericordiosas, de intensa

17 CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Ad Gentes*. In: SANTA SÉ. *Concílio Ecumênico Vaticano II:* Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 529-588.

18 BENTO XVI. *Homilia na Eucaristia de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe* (Santuário da Aparecida – Brasil, 13 de maio de 2007); cf. EG, n. 14.

19 TERTULIANO. *Apologia*, 39,7.

vida evangélica – constitui fundamento sólido para o testemunho da fé. "A renovação da Igreja realiza-se também através do testemunho prestado pela vida dos crentes: de fato, os cristãos são chamados a fazer brilhar, com a sua própria vida no mundo, a Palavra de verdade que o Senhor Jesus nos deixou" (PF, n. 6).[20]

25. Os gestos de amor e solidariedade são eficazes para a credibilidade da experiência de fé e são notas distintivas da missão eclesial. A fé que "se não se traduz em ações, por si só está morta" (Tg 2,17). Por isso, o serviço da caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável da sua própria essência (DCE, n. 25). "A Igreja é chamada à prática da *diaconia* da caridade também em nível comunitário, desde as pequenas comunidades locais passando pelas Igrejas particulares até a Igreja inteira".[21]

26. "Na Sagrada Escritura (...) a misericórdia é a palavra-chave para indicar o agir de Deus para conosco. Ele não se limita a afirmar o seu amor, mas torna-o visível e palpável" em seu Filho Jesus, que é "o rosto da misericórdia do Pai". Por isso, "a Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa", especialmente atenta "àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais" (MV, n. 9, 1, 12, 15). A misericórdia é "critério de credibilidade para nossa fé", pois "a credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo" (MV, n. 9, 10).

1.4. Cultura urbana: desafio à missão

27. "Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho a toda criatura" (Mc 16,15). Neste "ide" de Jesus, que nos aponta

20 BENTO XVI. *Carta Apostólica sob forma de Motu Proprio Porta Fidei com a qual se proclama o Ano da Fé.* (Documentos Pontifícios - 9). Brasília: Edições CNBB, 2012.
21 BENTO XVI. *Motu Proprio Intima Ecclesiae natura*, n. 1.

para a origem trinitária da missão, "estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova 'saída' missionária" (EG, n. 20). O cenário atual é ambíguo, marcado por luzes e sombras. Entre outras características, pela emancipação do sujeito, a pluralidade, o avanço de novas tecnologias que permitem cuidar melhor da vida, entre outros. Constata-se, por outro lado, a globalização, pelo secularismo, pelo relativismo, pela liquidez, pelo indiferentismo. Neste contexto, a Igreja enfrenta um desafio que está diretamente relacionado com a sua missão: a transmissão integral da fé no interior de uma cultura, em rápidas e profundas transformações, que experimenta forte crise ética com a relativização do sentido de pecado.

28. Nesta conjuntura, marcada por um forte pluralismo, torna-se necessário encontrar critérios para a interpretação e interação com a realidade presente. Um dos desafios mais relevantes é, sem dúvida, a *cultura urbana*, pois nosso mundo vai se tornando cada vez mais urbano. Isso acontece não só porque as pessoas tendem a residir nas cidades, mas também porque o estilo de vida e a mentalidade dos ambientes citadinos se expandem sempre mais, alcançando os rincões mais distantes, com todas as consequências – humanas, éticas, sociais, tecnológicas e ambientais, entre outras. É por isso que pensar a relação entre evangelização e cultura urbana torna-se um imperativo à ação evangelizadora em nossos dias. Ao se falar de cultura urbana, não se pode deixar de considerar as cidades, especialmente as grandes metrópoles, nas quais essa cultura se manifesta de modo mais intenso.

29. As cidades existem há muito tempo. São construídas a partir do encontro de estruturas físicas com relações humanas e sociais. Não se pode, porém, cair na generalização de achar que todas as cidades sejam iguais, independentemente de sua

história e sua localização. Em nossos dias, quanto maiores são elas, menor é a influência das instituições e da tradição sobre os indivíduos. As cidades atuais são ambientes nos quais as pessoas são continuamente chamadas a escolher, desde aspectos mais imediatos até questões mais profundas, diretamente ligadas ao sentido da vida. São locais onde se manifesta, ainda que em formas e graus diferentes, a tendência ao imediatismo, à diversificação e à fragmentação. São cidades diferentes das de outras épocas, exigindo, portanto, que a ação evangelizadora leve em conta sua complexidade.

30. Ao contemplar as cidades com inúmeros desafios, o olhar dos discípulos missionários identifica, de imediato, muitas formas de sofrimento, dentre as quais, a pobreza, o desemprego, as condições precárias de trabalho e habitação, a devastação ambiental, a falta de saneamento básico e espaços de convivência, a violência e a solidão. São dores que afligem o mundo como um todo, porém se manifestam de modo mais intenso nas cidades, interpelando-nos, como discípulos missionários, a buscar suas causas mais profundas e, em espírito de missão, trabalhar para a transformação da realidade, tanto no contexto urbano quanto nos demais ambientes por ele influenciados.

31. Quando a Igreja fala em evangelização da cultura urbana, tem clareza de que "não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação" (EN, n. 19).

32. Consequentemente, os discípulos missionários são convocados a escutar, admirar, e compreender a mentalidade urbana atual, cujas marcas são globais e, ao mesmo tempo, diversificadas e plurais. É por isso que o Papa Francisco, ao se referir às cidades, toma como ponto de partida as culturas urbanas e seus desafios (EG, n. 71-75). São culturas em contínuo processo de transformação, de recriação, onde coabitam angústias (EG, n. 75) e buscas de "apoio e sentido para a vida" (EG, n. 71), onde existem conflitos, mas também "solidariedade, fraternidade, desejo de bem, de verdade, de justiça" (EG, n. 71). As cidades, embora algumas vezes consideradas assustadoras, devem ser vistas como um ambiente a ser contemplado (EG, n. 72), na busca dialogal por perceber Deus já presente no meio delas (EG, n. 71).

1.5. Comunidades eclesiais missionárias no contexto urbano

33. No momento atual, pelo qual passam o mundo e o Brasil, a conversão pastoral se apresenta como desafio irrenunciável. Esta conversão implica a formação de pequenas comunidades eclesiais missionárias, nos mais variados ambientes, que sejam casas da Palavra, do Pão, da Caridade e abertas à Ação Missionária. Essas comunidades podem oferecer, nesse contexto, meios adequados para o crescimento na fé, para o fortalecimento da comunhão fraterna, para o engajamento de seus integrantes na missão e para a renovação da sociedade.

34. Pequenas comunidades oferecem um *ambiente humano de proximidade e confiança* que favorece a partilha de experiências, a ajuda mútua e a inserção concreta nas mais variadas situações. O importante é que elas não estejam isoladas e os ministérios, principalmente os de coordenação, com boa formação,

ajudem-nas a se manterem em comunhão com a Igreja particular. Elas são também lugar onde se desperta a vocação ao ministério ordenado e à vida consagrada.

35. "Muitas pessoas carecem da experiência da bondade de Deus. Não encontram qualquer ponto de contato com as Igrejas institucionais e suas estruturas tradicionais. (...) Se não chegarmos a uma verdadeira renovação da fé, qualquer reforma estrutural permanecerá ineficaz. (...) As pessoas precisam de lugares, onde possam expor a sua nostalgia interior. E, aqui somos chamados a procurar novos caminhos da evangelização. Um destes caminhos poderia ser as pequenas comunidades, onde sobrevivem as amizades, que são aprofundadas na frequente adoração comunitária de Deus. Onde há pessoas que partilham experiências de fé nos âmbitos da família, do trabalho e outros, testemunhando assim uma nova proximidade da Igreja à sociedade. Aparece de modo cada vez mais claro que todos necessitam deste alimento do amor, da amizade concreta de um pelo outro e pelo Senhor".[22]

36. A formação de pequenas comunidades eclesiais missionárias, como prioridade da ação evangelizadora, oferece um referencial concreto para a conversão pastoral. Nessas comunidades, os cristãos leigos e leigas, a partir da participação na vida da Igreja, do senso de fé, dos carismas, dos ministérios (LG, n. 9-13) e do serviço cristão à sociedade (GS, n. 43),[23] vivem sua vocação e sua missão, em comunhão e solidariedade. Elas oferecem ambiente e meios para a iniciação à vida cristã e para uma formação sólida, integral e permanente. São espaços propícios para o crescimento espiritual, por meio da partilha da experiência de fé

22 BENTO XVI. *Discurso no encontro com o Comitê Central dos Católicos Alemães* (ZDK), 24 de setembro de 2011.

23 CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Gaudium et Spes*. In: SANTA SÉ. *Concílio Ecumênico Vaticano II: Documentos*. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 199-329.

e da fidelidade a Jesus Cristo e a seu Evangelho nos contextos em que se encontram. "Uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela" (EG, n. 183). Toda comunidade cristã é essencialmente missionária, "Igreja em saída".

37. É importante ter presente o que indica o Papa Francisco a respeito dos *interlocutores da missão*. Todos são interpelados pelo Evangelho. Do ponto de vista da experiência de fé, podem ser identificados *três grandes* âmbitos: 1) os que frequentam regularmente a comunidade e os que conservam a fé católica, mesmo sem participar assiduamente; 2) os que foram batizados, porém não vivem mais de acordo com sua fé; 3) os que não conhecem Jesus Cristo ou que o recusaram. Todos podem ser envolvidos na nova evangelização (EG, n. 14; RMi, n. 33). Os que pertencem ao primeiro grupo são chamados "a corresponder cada vez mais e com toda sua vida ao amor de Deus" (EG, n. 14), comprometendo-se missionariamente com os demais. Os do segundo são chamados à conversão e a viver "o desejo de se comprometerem com o Evangelho" (EG, n. 14). Os do terceiro grupo, referencial de todo o paradigma missionário, têm o direito de receber o Evangelho como partilha da alegre experiência do encontro com Jesus Cristo vivenciada pelos cristãos e seu consequente anúncio, sem excluir ninguém.

38. Na evangelização do mundo urbano atual, é fundamental recorrer às origens do cristianismo, período em que o processo de inculturação permitiu que o Evangelho chegasse a tantas culturas diferentes. "Importa evangelizar, não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até às suas raízes, a civilização e as culturas" (EN, n. 20). A encarnação do Verbo

divino é o critério de toda a inculturação. Por isso, "o que se deve procurar é que a pregação do Evangelho, expressa com categorias próprias da cultura onde é anunciado, provoque uma nova síntese com essa cultura" (EG, n. 129).

39. A missão exige a habilidade de percorrer um caminho sinodal, que é "precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio".[24] A sinodalidade significa o "comprometimento e a participação de todo o Povo de Deus na vida e na missão da Igreja", uma vez que "todos, portanto, são corresponsáveis pela vida e pela missão da comunidade e todos são chamados a operar segundo a lei da mútua solidariedade no respeito dos específicos ministérios e carismas, enquanto cada um desses obtém a sua energia do único Senhor (1Cor 15,45)".[25]

40. A motivação para esse caminho missionário fundamenta-se na convicção de que "não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não o conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar tateando, não é a mesma coisa poder escutá-lo ou ignorar a sua Palavra, não é a mesma coisa poder contemplá-lo, adorá-lo, descansar nele ou não o poder fazer. Não é a mesma coisa procurar construir o mundo com o seu Evangelho em vez de o fazer unicamente com a própria razão. Sabemos bem que a vida com Jesus se torna muito mais plena e, com Ele, é mais fácil encontrar o sentido para cada coisa. É por isso que evangelizamos" (EG, n. 266).

24 FRANCISCO. *Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos* (17/10/2015), Introdução; cf. ChV, n. 203-208; XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Documento final.* (Documentos da Igreja - 51). Brasília: Edições CNBB, 2019, n. 118.

25 COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja.* (Documentos da Igreja - 48). Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 22.

CAPÍTULO 2

OLHAR DE DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

"Ao ver as multidões, Jesus encheu-se de compaixão". (Mt 9,36)

2.1. Contemplar para sair em missão em um mundo que se transforma

41. A Igreja, sacramento universal de salvação, anuncia sempre o mesmo Evangelho. Nessa missão, ela é chamada a *acolher, contemplar, discernir* e *iluminar* com a Palavra de Deus a complexa gama de elementos culturais, sociais, políticos e éticos que constituem a realidade à qual é enviada. Só a partir deste diálogo com a realidade, em constante mutação, ela será capaz de fazer com que o Evangelho chegue aos corações das pessoas, às estruturas sociais e às diversas culturas.

42. A Igreja contempla a realidade a partir de uma condição bem específica, a de *discípula missionária* (Dap, n. 19.29; EG, n. 50). Sabe que a realidade é complexa e que a interpretação do cotidiano pode ser feita sob variados aspectos. Por isso, ao buscar sua compreensão do que está ocorrendo, reconhece que o faz como discípula e servidora do Cristo Senhor, que, Vivo e Ressuscitado, a envia ao mundo, repleto de luzes e de sombras (DAp, n. 20). Sabe também que, assim fazendo,

destaca aspectos que outras percepções não o fariam, bem como deixa de acentuar outros elementos. Por isso, ela se pergunta: Em que aspectos o atual momento histórico interpela o modo de viver sua missão?

43. O mundo atual e o Brasil passam por profundas transformações. Reiteradamente se tem afirmado que estamos em uma *mudança de época* (DAp, n. 44), em que os fundamentos últimos para a compreensão da realidade se tornam frágeis a ponto de suscitar perplexidade e insegurança. Não se trata de alterações em aspectos secundários, porém nas compreensões mais profundas a respeito da vida, de Deus, do ser humano, da família e de toda a realidade (DGAE 2011-2015, n. 17-24; DGAE 2015-2019, n. 19-29).[26] Neste sentido, preocupa a difusão da ideologia de gênero, que ignora e subverte a inviolável compreensão do que seja o ser humano, atingindo o próprio futuro da família, célula mãe da sociedade.[27]

44. Vivendo, portanto, uma mudança de época, somos chamados a reconhecer que se trata de um processo em andamento. Se, por um lado, algumas características parecem se firmar, por outro, a realidade se transforma cada vez mais rapidamente, deixando em aberto os rumos do futuro. Por isso, buscamos compreender a realidade para melhor interagir com ela, em vista do crescimento do Reino de Deus. Esta é a missão de toda a Igreja (EG, n. 273).

45. Em um mundo que se torna cada vez mais urbano, cresce o papel das grandes cidades. Elas refletem com mais rapidez o que acontece em todo o mundo. Isso as torna

26 CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*: 2011-2015. (Documentos da CNBB - 94). Brasília: Edições CNBB, 2011; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*: 2015-2019. (Documentos da CNBB - 102). Brasília: Edições CNBB, 2015.

27 FRANCISCO. Discurso aos bispos da Polônia, em 27 de julho de 2016; cf. *Laudato Si'*, n. 155; *Amoris Laetitia*, n. 56; CNBB. *Homem e mulher Deus os criou*: a identidade de gênero na antropologia cristã – orientações pastorais. Brasília: Edições CNBB, 2019.

culturalmente modelos de vida para as demais cidades. Este é o motivo pelo qual, em nossos dias, a ação evangelizadora nas metrópoles deve estar ainda mais atenta aos efeitos da urbanização sobre pessoas, grupos e sobre a sociedade como um todo.

2.2. Uma cidade onde Deus habita

46. Uma das maneiras para se compreender esta mudança de época pode ser encontrada, então, na imagem da *cidade*. Em meio a tantas alternativas de compreensão, a figura da cidade ajuda a expressar tanto o que está acontecendo no mundo e no Brasil de hoje, quanto iluminar a percepção do discípulo missionário sobre a inquestionável presença amorosa de Deus. Nosso mundo vai se tornando uma grande cidade, onde o viver se manifesta fortemente interligado e o estilo de vida das metrópoles é capaz de influenciar outras cidades e até mesmo o mais distante ponto do planeta, principalmente em decorrência do influxo dos atuais meios de comunicação (EG, n. 73).

47. Reconhecemos a presença de Deus em cada contexto histórico, inclusive no mundo atual, cada vez mais urbano. Por isso, a *cidade* se torna uma imagem importante para a ação evangelizadora em nossos dias. "A fé nos ensina que Deus vive na cidade, em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, como também em meio a suas dores e sofrimentos" (DAp, n. 514). Deus se faz presente em meio a todas as perplexidades que podemos experimentar. Cabe à Igreja, iluminada pelo Espírito Santo, contemplar esta realidade, distinguindo nela o que esse mesmo Espírito já está dizendo e fazendo (Ap 2,7.11.17.29), identificando as sombras que negam o Reino de Deus e as luzes, sinais do que o próprio Senhor está realizando.

48. Existem muitos modos de compreender as cidades e com elas interagir. Como evangelizadores, preocupam-nos,

acima de tudo, "os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade" (EN, n. 19). A partir destes aspectos, olhamos para cada pessoa, em especial a que sofre, nela enxergando o Cristo Senhor (Mt 25,40) e, por isso, agindo firmemente em vista da superação de todo sofrimento (EN, n. 31).

2.3. A vida na grande cidade mundial

49. O mundo das grandes cidades e da mentalidade ou cultura que nelas é gerada e alimentada, é local da *individualidade*. Já faz alguns séculos que o mundo vem sendo atingido por processos sociais e culturais que acentuam mais a dimensão individual da existência. Se, por um lado, cada pessoa possui em si uma dignidade irrenunciável e insubstituível, fruto da ação criadora de Deus, por outro, discernimos como sombra a afirmação do indivíduo feita, em detrimento do convívio, da fraternidade e da comunhão. Quando isso acontece, constatam-se atitudes de agudo individualismo, para o qual a satisfação de si torna-se critério determinante. Em consequência, as outras pessoas só têm valor e contam, enquanto são úteis e capazes de produzir e oferecer algo (GeE, n. 146).

50. A redução da função social do Estado, fenômeno presente no mundo, também no Brasil, tem lesado a dignidade das pessoas e enfraquecido o exercício dos direitos humanos. As pessoas consideradas improdutivas, tais como, crianças, adolescentes, idosos e enfermos, bem como deficientes ou com pouca escolaridade e sem formação profissional, estão sendo cada vez mais desprotegidas socialmente. Suas famílias são responsabilizadas por sustentá-las, muitas vezes em condições econômicas que pioram. Percebe-se, igualmente, o crescimento

da relação entre o Estado e o mercado, chegando-se mesmo à defesa e à imposição de valores mercadológicos. Modifica-se, ao mesmo tempo, o papel tradicional da família e da comunidade na transmissão dos valores humanos e cristãos.

51. Outra característica de nosso mundo atual diz respeito ao *consumo* e ao *consumismo*, fato que o Papa Francisco definiu como "doença muito séria".[28] Vivemos um tempo em que tudo tende a ser feito para ser consumido, esgotado e, consequentemente, substituído. Com rapidez, objetos tornam-se ultrapassados, gerando a necessidade de reposição. Infelizmente, o que se faz com os objetos acaba por se transferir às relações humanas. As pessoas passam a ser avaliadas em virtude de sua capacidade de participar dos mecanismos do mercado, como efetivas consumidoras. Bens e serviços são disponibilizados, acima de tudo, para quem tem condições de arcar com os respectivos custos.

52. Essa individualização consumista da vida está diretamente ligada a diversos fenômenos que nos assustam cada dia mais. Liga-se, por exemplo, à corrupção, atitude de quem só pensa em si, nos próprios interesses e ganhos, sequer olhando para os rastros de abandono e sofrimento que vai deixando pela vida. Liga-se ao triste e dilacerante comércio das drogas, para quem lucrar, a qualquer custo, implica gerar um número crescente de vítimas. Liga-se à violência, como atitude organizadora da vida e da sociedade, que leva a enxergar a morte do outro como solução para os desafios e conflitos. Gera o esforço pela legalização da morte de quem ainda nem nasceu, bem como faz suscitar grupos de extermínio. Chega a quem, penando nas portas e sarjetas dos hospitais, não recebe o necessário atendimento, e continua lutando contra a morte, em meio ao desespero.

28 FRANCISCO. *Homilia na capela da Casa Santa Marta*, 26 de novembro de 2018.

Divide cidades em áreas controladas por poderes paralelos ao Estado de Direito. Inspira produções artísticas e se torna modelo de sucesso apresentado às novas gerações. Neste sentido, individualismo e violência são dois lados da mesma moeda.

53. A forte acentuação na individualidade traz como consequência o *enfraquecimento das instituições e das tradições* (DAp, n. 39), enquanto garantidoras do sentido da vida, dos rumos a serem seguidos e da paz social. Dentre essas instituições, preocupa-nos, de modo especial, a fragilização da família, pois já não se trata apenas de reconhecer que existem dificuldades, mas de lidar com uma mentalidade que afirma claramente ser a família uma realidade ultrapassada (EG, n. 66; AL, n. 52).[29]

54. Outra marca de nosso mundo é a *pluralidade*, que se manifesta nos âmbitos da cultura, da ética, da vivência religiosa e associativa. São modos diferentes de compreender e avaliar a realidade. A pluralidade manifesta-se como luz na medida em que permite à pessoa exercer o dom da liberdade e escolher em meio a múltiplas variáveis. No entanto, ela se manifesta como sombra na medida em que, diante de cada pessoa, são também colocadas possibilidades de escolha que não conduzem à vida, mas ao sofrimento e à morte (Dt 30,19). Isso ocorre porque as escolhas não são neutras. Quando a diversidade de possibilidades é assumida exatamente a partir do individualismo consumista, não se pensando mais nos outros nem no planeta, os resultados são catastróficos, conforme verificamos a todo momento.

55. Neste mundo, existem também propostas religiosas das mais variadas vertentes, fazendo com que o ambiente religioso se torne cada vez mais plural e diversificado. Esta realidade é luz, na medida em que abre a possibilidade para que a experiência religiosa

29 FRANCISCO. *Exortação Apostólica Amoris Laetitia*: sobre o amor na família. (Documentos Pontifícios - 24). 3. ed. Brasília: Edições CNBB, 2018.

seja fruto de uma escolha livre e consciente e convoca pessoas e grupos a cultivarem o diálogo ecumênico e interreligioso. Todavia, este mesmo ambiente religioso, manifesta-se como sombra na medida em que permite ao indivíduo tornar-se, ele mesmo, critério absoluto para a escolha de um caminho religioso, levando-nos a questionar até mesmo se se trata de efetiva abertura ao mistério de Deus. Igual situação de sombra se projeta sobre algumas interpretações da Palavra de Deus, as quais tornam-se fontes de posturas que o próprio Jesus desabonou (Lc 9,53-55). Entristece ver que, em um mundo de individualismo consumista, até mesmo a religião é, às vezes, assumida sob a ótica comercial e da prosperidade financeira (Jo 12,2-17). É sombra, enfim, quando fundamenta preconceitos que chegam até a agressão física e a tentativa fanática de destruição.

56. Algumas vezes, por não ter mais a quem apelar, acaba-se por construir ou reproduzir formas de viver a fé marcadas pela violência. Cansadas e sem muitas esperanças, as pessoas voltam-se para o combate e o conflito, considerados como expressões de fé, não percebendo que essas formas, em um contexto já altamente violento, podem alimentar não a paz, mas a belicosidade. O combate do cristão é sempre ao pecado pessoal e social. Seu empenho é sempre pela paz. Nesse sentido, somos convocados a utilizar expressões e manifestações religiosas marcadas pela fraternidade, o perdão e o amor, que não serão instrumentalizadas para justificar mais violência.

57. As grandes cidades são ainda locais de *alta mobilidade*. As pessoas se locomovem de um lado para outro, buscando ganhar a vida, tentando sobreviver. A vida, deste modo, já não acontece mais em um único local, mas exige frequentes deslocamentos. Estes podem ser luz, enquanto permitem o encontro entre modos diferentes de lidar com a vida, entre compreensões e enfoques diversificados. São, no entanto, sombra quando se tornam forçados, como tem ocorrido com as populações em

situação de rua, os migrantes e os refugiados, especialmente nas áreas pressionadas pelo mercado imobiliário ou por interesses de outros grupos econômicos.

58. Diretamente ligada a todas essas características, encontra-se a *pobreza*, ausência do necessário para viver com a dignidade humana que decorre da condição de filhos e filhas de Deus. Um mundo, no qual predomina o individualismo consumista, tem se mostrado gerador de enormes desigualdades sociais, com excluídos para os quais não existe outra esperança de viver a não ser no próprio Deus, que lhes ouve o clamor.[30] Uma mentalidade que habitua-se a este mundo já não é mais capaz de enxergar o irmão caído à beira do caminho (Lc 10,31-37). Não é autêntica a experiência religiosa que não se concretiza na solidariedade.

59. A pobreza se expande e se manifesta em inúmeras formas de sofrimento, sombras que desafiam a todos nós. É a vida agredida nas mais diversas formas, desde a fecundação até a morte natural. É a forte crise de sentido (DAp, n. 37), que gera desesperança, esgotamento existencial, depressão, chegando até o suicídio, uma realidade da qual ninguém está isento, nem mesmo ministros religiosos.

60. A pobreza se alarga, enfim, para o modo como lidamos com o planeta e seus recursos. É o desafio *ambiental* do mundo de nossos dias. Isso acontece porque o "ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social" (LS, n. 48).[31] "Estas situações provocam os gemidos da irmã terra, que se unem aos gemidos dos abandonados

30 FRANCISCO. *Mensagem para o Dia Mundial dos Pobres*, 2018.
31 FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*: sobre o cuidado da Casa Comum. 3.ed. (Documentos Pontifícios - 22). Brasília: Edições CNBB, 2016.

do mundo, com um lamento que reclama de nós outro rumo" (LS, n. 53).

61. Se as conquistas técnico-científicas são inegáveis, os perigos de devastação do planeta, da violência, das rivalidades entre interesses que geram violência, não podem ser negados. É urgente repensar a exploração da natureza, a mineração, com tantos conflitos emergentes e mortes. Esses elementos geram uma "verdadeira dívida ecológica" (LS, n. 51) que lança profundos questionamentos à evangelização e presença da Igreja nos cenários urbanos.

62. Em meio a tudo isso, percebe-se o desafio experimentado pelos *jovens*. Eles sentem na pele "a confusão e o atordoamento", que dão "a impressão de reinar no mundo".[32] São os que mais se ressentem da fragilidade de referências e da precariedade de critérios. "No mundo atual, caraterizado por um pluralismo cada vez mais evidente e por um leque de opções sempre mais amplo, a questão das escolhas a fazer apresenta-se com particular intensidade e a vários níveis, principalmente diante de itinerários de vida cada vez menos lineares, marcados por uma grande precariedade. Com efeito, muitas vezes os jovens movem-se entre abordagens tão extremas quanto ingênuas: desde considerar-se à mercê de um destino já escrito e inexorável até sentir-se dominado por um ideal abstrato de sublimidade, em um contexto de competição desordenada e violenta".[33]

63. Diante da aguda fragilidade de referências, a *verdade* é relativizada e individualizada, num complexo de possibilidades. Atinge-se, deste modo, a consciência de pessoas, grupos e da sociedade como um todo. Afeta-se a identidade, que, sem

32 FRANCISCO. *Carta aos jovens por ocasião da apresentação do Documento preparatório para a XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos.*
33 XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Documento Final.* (Documentos da Igreja - 51). Brasília: Edições CNBB, 2019, n. 91.

referências objetivas para se conduzir, acaba por oscilar, entregando-se à mercê das demandas oportunistas do mercado. Valores como honestidade, integridade e abnegação correm o forte risco de serem absorvidos pela mentalidade de só pensar em si, de só buscar o que está ao alcance das mãos, sem se preocupar com as consequências para o futuro e mesmo para o presente. O trabalho, neste caso, é visto predominantemente como meio de se conseguir renda, desprovido de ética, de função social e até mesmo de realização pessoal. Vive-se e trabalha-se, quando se consegue, de modo alienado, sem subjetividade significativa, sem espiritualidade.

64. Vivemos em um sistema social e econômico que é injusto em sua raiz. O mal consentido tende a expandir a sua força nociva e a minar, silenciosamente, as bases de qualquer sistema político, social e cultural, por mais sólido que pareça. Se cada ação tem consequências, um mal embrenhado nas estruturas de uma sociedade sempre contém um potencial de dissolução e morte. É o mal cristalizado nas estruturas sociais injustas que, em si mesmas, geram exclusão (EG, n. 59 e 204) e desigualdades, golpeando especialmente a dignidade humana daqueles que já são considerados não só excluídos e explorados, mas supérfluos e descartáveis (DAp, n. 65).

65. Em todo o mundo e também no Brasil, vive-se um tempo em que se faz necessário redescobrir os caminhos de uma autêntica democracia. Ela, entre outros aspectos, se constrói através da justiça social e da participação, das garantias institucionais e do bem comum, da liberdade de expressão e do respeito às diferenças. Ela não se alicerça em fanatismos nem fundamentalismos, mas na força do diálogo, na preocupação pelos mais frágeis e no respeito à liberdade e aos valores inerentes a todo e qualquer ser humano.[34]

34 CNBB. *Por uma reforma do Estado com participação democrática*. (Documentos da CNBB - 91). Brasília: Edições CNBB, 2010; *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n. 407.

66. Nós, cristãos, não estamos sozinhos, vivendo na grande cidade mundial. Os desafios acima apresentados serão enfrentados com maior força na medida em que dermos as mãos aos irmãos e irmãs de outras igrejas, àqueles que percorrem outros caminhos de fé e a todos os homens e mulheres de boa vontade. "Devemos sempre lembrar-nos de que somos peregrinos, e peregrinamos juntos. Para isso, devemos abrir o coração ao companheiro de estrada sem medos nem desconfianças, e olhar primariamente para o que procuramos: a paz no rosto do único Deus" (EG, n. 244).

2.4. O Senhor está no meio de nós!

67. Em meio a esta complexa conjuntura, pela fé, reconhecemos o Senhor presente e atuante junto a nós (Jo 14,18). Ao lado das luzes já referidas, outras tantas podem ser indicadas. Dentre essas, destacam-se a *resistência* e a *resiliência*, como capacidades para não se deixar vencer pelo que degrada as pessoas e o meio ambiente e, quando a degradação se impõe, encontrar a ousadia da criatividade para se reinventar e descobrir caminhos novos para reconstruir a vida e a paz. Se, por um lado, constatamos a expansão de uma mentalidade individualista e consumista, por outro, verificamos também atitudes culturais de resistência, que valorizam mais as pessoas que o consumo, mais a obediência a Deus que adesão às tendências e modismos do momento presente (At 5,29).

68. A luz do Senhor se manifesta também nos esforços por compreender o mundo das cidades e sua influência sobre a vida de todo o País e do planeta. Recordando o 14º Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base,[35] somos convidados a olhar

35 Londrina – PR, 23 a 28 de janeiro de 2018.

com alegria e esperança todas as iniciativas que se voltam para as cidades, buscando compreender seu jeito de pensar, sentir e agir, nelas intervindo com o óleo da solidariedade que cura as feridas (Lc 10,34), com a palavra profética que interpela e chama à conversão (Mq 3,3) e com o anúncio do Evangelho a quem nunca o ouviu ou dele se esqueceu (EG, n. 14; DGAE 2015-2019, n. 74).

69. Os Documentos da CNBB, diretamente ligados às urgências da ação evangelizadora,[36] têm impulsionado as Igrejas particulares a darem passos rumo a um estilo novo de evangelizar (EG, n. 18). O reconhecimento, por exemplo, de que as tradições, as instituições e os costumes de uma cultura predominantemente individualizada e consumista já não são capazes de transmitir o Evangelho às novas gerações (DAp, n. 38-39), tem feito surgir, por todo o País, tentativas de concretizar processos de iniciação à vida cristã (DAp, n. 294). Esta e outras iniciativas são sinais de que algo novo está acontecendo.

70. Reconhecendo o bem que tem feito ao longo da história, o que se convencionou chamar de *pastoral de conservação*, somos atualmente interpelados a perceber que não é mais possível continuar somente com este modelo de pastoral. Onde for útil para englobar formas de vida comunitária e atuar no resgate de pessoas, na solidariedade com os mais pobres e no anúncio do Evangelho, ele deve ser mantido. Onde, ao contrário, os níveis de urbanização forem mais agudos, é indispensável ter coragem para "abandonar as estruturas ultrapassadas que já não favoreçam mais a transmissão da fé" (DAp, n. 365).

36 CNBB. *Discípulos e Servidores da Palavra de Deus na missão da Igreja.* (Documentos da CNBB - 97). Brasília: Edições CNBB, 2012; CNBB. *Comunidade de Comunidades:* uma nova paróquia. (Documentos da CNBB - 100). Brasília: Edições CNBB, 2014; CNBB. *Iniciação à Vida Cristã:* itinerário para formar discípulos missionários. (Documentos da CNBB - 107). Brasília: Edições CNBB, 2017.

71. Este breve olhar sobre a atual realidade do Brasil, mostra que a ação evangelizadora necessita investir ainda mais no discipulado e na missionariedade. O discipulado implica deixar-se encontrar pelo Senhor, com Ele estar (Mc 8,13-15) e formar comunidade com os outros discípulos e discípulas (At 2,42-47). Nossas paróquias nem sempre têm conseguido cumprir plenamente essa função (DAp, n. 173). Constatamos as luzes do heroísmo abnegado de tantos agentes de pastoral, que não medem esforços para vencer, por exemplo, grandes distâncias, nem se deixam reter pela ameaça da violência ostensiva. Reconhecemos, no entanto, as sombras que se manifestam nos mesmos territórios paroquiais, na pouca experiência de vida comunitária, no fechamento das pessoas em seus pequenos mundos, na falta de disponibilidade para ir ao encontro dos outros, especialmente os que se encontram nas periferias e na busca por uma religiosidade difusa e de consumo.

72. Em meio a tudo isso, o discípulo missionário afirma: Deus habita a cidade, isto é, Ele está no meio de nós (Mt 28,20; Dt 31,6). Se a realidade se manifesta embaçada, com dores que parecem invencíveis, o discípulo missionário reconhece, testemunha e anuncia que o Senhor não está inerte, que Ele não nos abandonou à própria sorte. Pela força do seu Espírito, o Reino anunciado por Jesus se faz presente "como a pequena semente que pode chegar a transformar-se numa grande árvore, como o punhado de fermento que leveda uma grande massa, e como a boa semente que cresce no meio do joio" (EG, n. 278). Por isso, "não podemos ficar tranquilos em espera passiva em nossos templos, mas, é urgente ir em todas as direções para proclamar que o amor é mais forte" (DAp, n. 548).

CAPÍTULO 3

A IGREJA NAS CASAS

"Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações". (At 2,42)

3.1. A casa da comunidade

73. A casa, enquanto espaço familiar, foi um dos lugares privilegiados para o encontro e o diálogo de Jesus e seus seguidores com diversas pessoas (Mc 1,29; 2,15; 3,20; 5,38; 7,24). Nas casas Ele curava e perdoava os pecados (Mc 2,1-12), partilhava a mesa com publicanos e pecadores (Mc 2,15ss; 14,3), refletia sobre assuntos importantes, como o jejum (Mc 2,18-22), orientava sobre o comportamento na comunidade (Mc 9,33ss; 10,10) e a importância de se ouvir a Palavra de Deus (Mt 13,17.43).

74. O fato de Jesus não ter onde reclinar a cabeça (Mt 8,20), não é contraditório com suas atitudes que valorizam a casa como local de encontro e convívio (Mt 9,10). Caminhar é seu modo de entrar em contato com as pessoas. Tanto Jesus como seus discípulos assumiram um estilo de vida itinerante para propagar a Boa-Nova da salvação. Os encontros de Jesus, ao longo de seu caminhar, criam oportunidades para experiências que reforçam e alargam as relações fraternas e comunitárias nos ambientes domésticos por onde Ele passa (Mt 8,14; Lc 10,38-42; Lc 19,1-10). A casa é, assim, assumida como lugar para cultivo e a vivência dos valores do Reino.

75. Os discípulos de Jesus Cristo reuniam-se comunitariamente em casas particulares, a exemplo do Cenáculo, onde eles se encontravam no dia de Pentecostes (At 2,1-3). Em uma casa, geralmente, reunia-se um pequeno grupo dos que procuravam escutar o chamado do Senhor e responder a ele pela vivência da comunhão e da missão.

76. Entre os primeiros cristãos, a experiência da *Igreja na casa* implicava um conjunto de relações para além dos laços familiares das casas tradicionais. A Igreja nas casas garantia um senso de pertença à família de Deus (Mc 3,31-35) e já não importava mais ser grego ou judeu, escravo ou livre, mas somente ser de Cristo (Cl 3,11; Gl 3,28). A casa-comunidade era o lugar do reconhecimento mútuo e, nela, seus habitantes deviam superar as distâncias e passar da simpatia ao encontro. Não bastava fazer parte da casa, era necessário promover outro tipo de relacionamento entre as pessoas, tornando-as mais fraternas: "Entre eles ninguém passava necessidade, pois aqueles que possuíam terras ou casas as vendiam, traziam o dinheiro e o depositavam aos pés dos apóstolos. Depois, era distribuído conforme a necessidade de cada um" (At 4,34-35).

77. As comunidades, reunidas nas casas, incluíam tanto pessoas pobres, como gente de maior condição econômica. Nelas existia uma reciprocidade que se caracterizava pela solidariedade e acolhida de todos. Assim, o cristianismo propôs que a ordem patriarcal, característica das casas naquela cultura, fosse convertida pelo amor em uma ordem fraterna, com participação ativa das mulheres e cuidado especial para com os membros mais fracos e pobres.

78. Na Primeira Carta aos Coríntios, São Paulo transmite a saudação da comunidade que se reúne na casa de Priscila e Áquila (1Cor 16,19). Com isso, ele apresenta um modelo de

família capaz de alargar os horizontes do seu lar para acolher os irmãos na fé, em uma casa aberta e ampliada que se torna Igreja. "Assim chegamos ao conhecimento do papel importantíssimo que este casal desempenha no âmbito da Igreja primitiva: isto é, o de receber na própria casa o grupo dos cristãos locais, quando eles se reuniam para ouvir a Palavra de Deus e para celebrar a Eucaristia. (...) Portanto, na casa de Áquila e Priscila reúne-se a Igreja, a convocação de Cristo, que celebra os Mistérios sagrados. E assim podemos ver o nascimento precisamente da realidade da Igreja nas casas dos crentes".[37]

79. O sentido de comunhão e de pertença dos cristãos das primeiras comunidades não os segregava dos outros habitantes das cidades. O estilo de vida cristão não tinha como finalidade o isolamento, mas a responsabilidade de favorecer um testemunho capaz de atrair outras pessoas (1Cor 14,23; 1Ts 4,12). A Carta a Diogneto, de autor desconhecido do século II, atesta: "Os cristãos não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por língua ou costumes. Não moram em cidades próprias, nem falam língua estranha, nem têm algum modo especial de viver (...) adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida admirável e, sem dúvida, paradoxal. Vivem em sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira".[38]

80. A casa permitiu que o cristianismo primitivo se organizasse em comunidades pequenas, com poucas pessoas, que se conheciam e compartilhavam a mesa da refeição cotidiana. Pela partilha da mesa com todos os batizados se estabelecia um

37 BENTO XVI. Os cônjuges Priscila e Áquila. In: BENTO XVI. *Os Apóstolos e os Primeiros Discípulos de Cristo:* as Origens da Igreja. (Catequeses do Papa Bento XVI). Brasília: Edições CNBB, 2012, p. 136.

38 PADRES APOLOGISTAS. *Carta a Diogneto*, n. 5 e 6.

novo estilo de vida, marcado pelo seguimento de Jesus Cristo. A hospitalidade era aberta também a pecadores e pagãos.

81. A credibilidade da comunidade se embasava no seu testemunho de comunhão, que se exprimia na fidelidade ao ensinamento dos apóstolos, na liturgia celebrada, na diaconia da caridade fraterna, na *martiria* da fé e da esperança, comprometidas com a justiça do Reino de Deus e na mistagogia da autêntica vida cristã que se faz missão, profecia e serviço.

3.2. Comunidade de comunidades

82. Atualmente, diante da complexidade urbana e da mudança de época, retoma-se a indicação do *Documento de Aparecida* sobre as pequenas comunidades eclesiais, consideradas como ambiente propício para escutar a Palavra de Deus, viver a fraternidade, animar a oração, aprofundar processos de formação continuada da fé, e fortalecer o firme compromisso do apostolado na sociedade de hoje (DAp, n. 309). É na força da Palavra de Deus que devemos formar verdadeiras comunidades de discípulos missionários (At 2,42-47; 4,32-37).

83. Tendo a missão como eixo fundamental, essas comunidades são configuradas como: casa da Palavra, do Pão, da caridade (CNBB, Doc. 100) e da missão; lugar da iniciação à vida cristã (CNBB, Doc. 107), do compromisso com os pobres (EG, n. 197-201), da abertura aos jovens; do anúncio do Evangelho da família (AL) e do cuidado da Casa Comum (LS). Desse modo, tornam-se comunidades de portas abertas para acolher a todos e para sair ao encontro das pessoas, em suas realidades, atuando como "sal da terra e luz do mundo" (Mt 5,13-14).[39]

39 CNBB. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade – Sal da Terra e Luz do Mundo (Mt 5,13-14)*. (Documentos da CNBB - 105). Brasília: Edições CNBB. 2016.

84. As pequenas comunidades eclesiais missionárias que se formam em ruas, condomínios, aglomerados, edifícios, unidades habitacionais, bairros populares, povoados, aldeias e grupos por afinidades, devem se configurar como uma verdadeira rede, em comunhão com a Igreja local (DAp, n. 179). São compostas por pessoas que se reúnem, movidas pela fé em Jesus Cristo para a escuta da Palavra, buscando luzes para viver a fé cristã em uma sociedade de contrastes (DGAE 2015-2019, n. 57; DAp, n. 170ss; 278d). Vencem o anonimato e a solidão, promovem a mútua-ajuda e se abrem para a sociedade e para o cuidado da Casa Comum.

85. A participação na mesma celebração da Eucaristia, juntamente com outras comunidades, constitui a expressão privilegiada da comunhão com a Igreja local. Em torno da mesa eucarística, manifestam-se e fortalecem-se os vínculos de fraternidade que há entre as várias comunidades, evitando-se assim o risco de isolamento. A partilha eucarística se torna o ponto de referência para o conhecimento recíproco, para a colaboração em projetos comuns, para o compromisso missionário e para o serviço à sociedade.

86. A Igreja nas casas tem a coordenação de cristãos leigos e leigas, com proeminência das mulheres. Quem coordena é alguém com senso de pertença eclesial e amor à Igreja. Trata-se de um serviço eclesial, indispensável para a vida das pequenas comunidades, um verdadeiro ministério.[40] São Paulo chamava de "colaboradores" (Rm 16,3-5) esses homens e mulheres que coordenavam a comunidade.

87. Nesse contexto, o ministro ordenado há de ser o cuidador e o animador das comunidades eclesiais missionárias,

40 CNBB. *Missão e ministério dos cristãos leigos e leigas*. Documento da CNBB 62.

promovendo a unidade entre todos em vista de uma salutar descentralização. Seu ministério deve garantir a comunhão na comunidade entre os diversos grupos, associações, movimentos e serviços. Para isso, haverá de se compreender missionariamente como um ministro em movimento, visitando as pequenas comunidades, animando-as na vivência do Evangelho, na ação missionária e na prática da solidariedade. Deverá também valorizar os diversos ministérios, trabalhando sempre em comunhão com o Conselho de Pastoral e Conselho de Assuntos Econômicos (CIC, cân. 536-537).[41]

3.2.1. Pilar da Palavra: iniciação à vida cristã e animação bíblica da vida e da pastoral

"Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos". (At 2,42)

88. Os Atos dos Apóstolos relatam que a comunidade cristã se concentrava nas casas como o seu lugar característico de reunião, ajuda mútua e fortalecimento da vivência missionária. Nelas, os cristãos ouviam juntos a Palavra e, por esta iluminados, procuravam discernir a experiência da vida em Deus, conscientes de que a fé provém da escuta (Rm 10,17). No caminho da experiência de fé, é Deus quem toma a iniciativa de comunicar seu designio salvífico de amor, cabendo ao ser humano, acolher e responder ao dom de Deus. A resposta implica conversão de vida, configuração a Cristo que, necessariamente, torna o discípulo missionário. Todo esse processo de iniciação à vida cristã supõe um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, proporcionado de forma privilegiada pela celebração da Palavra de Deus e pela leitura orante (VD, n. 65).[42]

41 SANTA SÉ. *Código de Direito Canônico*. Brasília: Edições CNBB, 2019; cf. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, n. 33.

42 BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini*: sobre a Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja. (Documentos Pontifícios - 6). Brasília: Edições CNBB, 2011.

89. As pequenas comunidades são ambientes propícios para a acolhida dos que buscam a Deus. A partir do encontro com a Palavra e da experiência de vida fraterna na comunidade, as pessoas são introduzidas no processo de Iniciação à Vida Cristã. "O sacramento do Batismo, pelo qual somos configurados a Cristo, incorporados na Igreja e feitos filhos de Deus, constitui a porta de acesso a todos os sacramentos; através dele, somos inseridos no único corpo de Cristo (1Cor 12,13), povo sacerdotal" (SCa, n. 17).[43] A comunidade eclesial é chamada a ser iniciadora por excelência, pois seu estilo de vida deve testemunhar de forma eloquente o amor de Deus pelas pessoas, indo sempre ao seu encontro. Por isso, "é preciso ter sempre presente que toda a iniciação cristã é caminho de conversão, que há de ser realizada com a ajuda de Deus e em constante referimento à comunidade eclesial" (SCa, n. 19). Para a formação de discípulos missionários, a Iniciação à Vida Cristã deve ser "assumida com decisão, coragem e criatividade. Ela renova a vida comunitária e desperta seu caráter missionário. Isso requer novas atitudes evangelizadoras e pastorais" (DAp, n. 294; CNBB, Doc. 107, n. 69).

90. "Iniciação à Vida Cristã e Palavra de Deus estão intimamente ligadas. Uma não pode ocorrer sem a outra" (DGAE 2015-2019, n. 47). Os processos de Iniciação e a formação dos agentes evangelizadores precisam levar em conta as etapas que lhe são próprias: o querigma, o catecumenato, a purificação-iluminação e a mistagogia. Assim, esse itinerário, fundamentado na Sagrada Escritura e na Liturgia, é capaz de educar para a escuta da Palavra, para a oração pessoal (CNBB, Doc. 107, n. 66) e para o compromisso comunitário e social.

91. Para formar discípulos missionários, é urgente aproximar mais as pessoas e as comunidades da leitura orante da Palavra de

43 BENTO XVI. *Exortação Apostólica pós-sinodal Sacramentum Caritatis*, 22 de fevereiro de 2007.

Deus. Não basta ler ou estudar a Sagrada Escritura, pois a "inteligência das Escrituras exige, ainda mais do que o estudo, a intimidade com Cristo e a oração" (VD, n. 86). Igualmente, é indispensável uma leitura orante comunitária, que evite "o risco de uma abordagem individualista, tendo presente que a Palavra de Deus nos é dada precisamente para construir comunhão, para nos unir na Verdade no nosso caminho para Deus. Sendo uma Palavra que se dirige a cada um pessoalmente, é também uma Palavra que constrói comunidade, que constrói a Igreja. Por isso, o texto sagrado deve ser sempre abordado na comunhão eclesial" (VD, n. 86).

92. O contato intensivo, vivencial e orante com a Palavra de Deus confere à reunião da comunidade um caráter de formação discipular. O importante é o encontro com a Palavra que muda a vida e dá sentido ao ser e agir de quem é cristão, corrigindo posturas e aderindo ao modo de ser, de pensar e de agir de Jesus Cristo. O Evangelho passa a ser o critério decisivo para o discernimento em vista da vivência cristã.

3.2.2. Pilar do Pão: liturgia e espiritualidade

"Eles eram perseverantes (...) na fração do pão e nas orações". (At 2,42)

93. Entre os primeiros cristãos, a comunhão se expressava principalmente na celebração da Eucaristia. Os vínculos anteriores e posteriores à Eucaristia suscitavam a partilha das dificuldades do cotidiano e o compromisso com o Reino de Deus. Os membros da Igreja, nas casas, eram instruídos a assimilar que a celebração comum da "ceia do Senhor" demandava a comunhão de todos com o Corpo e Sangue de Cristo. A celebração eucarística, memória do sacrifício do Senhor, alimentava a esperança do mundo que há de vir (1Cor 11,17-32). Essa realidade implicava em trilhar um caminho pascal, para viver no mundo sem ser do mundo (Jo 17,14-16).

94. A mesa está no centro da celebração da fé cristã. Esta é sempre ato comunitário, que exige presença, acolhida das pessoas, cuidado e afeto pelos outros. A comunidade eclesial tem na Eucaristia a sua mesa por excelência: memorial da Páscoa do Senhor, banquete fraterno, penhor da vida definitiva. Ela transforma as pessoas em discípulos missionários de Jesus Cristo, testemunhas do Evangelho do Reino.

95. A comunidade eclesial, como *casa* que nutre seus filhos, é sustentada pela oração. Na comunidade de fé cultiva-se uma verdadeira vida de oração, enraizada na Palavra de Deus, tendo em Jesus Cristo, o orante por excelência e na Oração do Senhor o paradigma de toda oração. Pela oração cotidiana, os membros da comunidade se sentem consolados, redescobrem sua dignidade de filhos e filhas de Deus, tomam consciência de que são colaboradores de Deus na missão e são impelidos a saírem ao encontro das pessoas e à prática da misericórdia.

96. A oração dos discípulos missionários de Jesus Cristo deve ser a expressão da espiritualidade do seu seguimento. Como outrora, é preciso renovar constantemente o mesmo pedido ao Senhor: "Ensina-nos a orar" (Lc 11,1). Só assim é possível sair do egoísmo e de uma experiência religiosa fechada sobre si mesma. Orar, antes de ser o resultado de um esforço humano, é a ação do Espírito em nós, abrindo espaço para chamar a Deus de Pai (Gl 4,6). É um abandono nas mãos de Deus, dirigindo-se a Ele com simplicidade e suplicando-lhe: "Que faça brilhar sobre nós a sua face!" (Sl 67[66],2; 80[79],4.8; 119[118],135).

97. Na pastoral, é preciso superar a ideia de que o agir já é uma forma de oração. Quando confundimos agir com rezar, chegamos a abreviar ou dispensar os tempos de oração e de contemplação. Quando reduzimos tudo ao fazer, corremos o risco de nos contentar apenas com reuniões, planejamentos e

eventos. Estes são importantes no cotidiano pastoral, mas não substituem a vida de oração. Ao contrário, devem decorrer dela e a ela conduzir. Muitas atividades podem facilmente levar os cristãos a caírem em tentações como ativismo, vaidade, ambição e desejo de poder. Nessa perspectiva, os agentes de pastoral correm o risco de se esquecer da dignidade batismal, como verdadeiros sujeitos eclesiais, reduzindo-se a meros voluntários.

98. A espiritualidade cristã se traduz na busca da santidade, favorece e alimenta um jeito de ser Igreja (GeE, n. 2). Diante da samaritana, Jesus pediu: "Dá-me de beber" (Jo 4,7). O Senhor Jesus tem sede da entrega confiante a Ele de nossas comunidades eclesiais e de nosso empenho missionário. Ele deseja uma Igreja servidora, samaritana, pobre com os pobres. Foi o que uma multidão de santas e santos experimentaram e testemunharam ao longo da história da Igreja: Santo Agostinho, São Bernardo de Claraval, São Francisco de Assis, Santa Teresa de Jesus, Santa Teresa de Calcutá, São Paulo VI, Santo Oscar Romero, André de Soveral, Ambrósio Francisco Ferro, Mateus Moreira e seus companheiros, protomártires do Rio Grande do Norte, e Santo Antônio de Santana Galvão. Estes, e tantos outros, por caminhos diversos, abriram-se à ação transformadora da graça divina e, imersos nos eventos da história, foram capazes de ser instrumentos de Deus na construção de relações autênticas, transfiguradas, fazendo-se dom a serviço da solidariedade e da compaixão.

99. Os santos e beatos do Brasil são modelos da ação misericordiosa ativa de quem, movido de compaixão, coloca-se em saída e vai ao encontro do outro. São José de Anchieta, por exemplo, aprendeu a língua dos índios para aproximar-se deles e anunciar-lhes o Evangelho; a Bem-Aventurada Dulce dos pobres foi ao encontro dos últimos nas sarjetas das periferias de Salvador; Santa Paulina, ao chegar a São Paulo, depois de

partir de Nova Trento, dirigiu-se aos escravos "libertos" e abandonados à própria sorte; a Beata Nhá Chica, uma leiga pobre, catequista que acolhia as pessoas e orava com elas. Os desafios dos nossos tempos são novos, mas a dor humana continua a mesma que sensibilizou e continua a impactar os santos e santas de todos os tempos, impelindo-os a uma saída efetiva do seu lugar em direção ao lugar onde o outro se encontra.

100. Na experiência de fé da comunidade cristã, a piedade popular há de ser valorizada na comunidade, na sua pureza de expressões (DAp, n. 258-265), como "uma força ativamente evangelizadora que não podemos subestimar" (EG, n. 126). Desse modo, ela conduz ao discipulado missionário, contribui para formar comunidades e compromete solidariamente. Em meio ao pluralismo de ofertas religiosas, próprio de um mundo cada vez mais urbano, a piedade popular merece destaque pelo seu caráter acolhedor de amparo e consolação em meio aos revezes da vida. É preciso, porém, ter atenção para os riscos de instrumentalização da piedade popular, quando é apresentada de modo intimista, consumista e imediatista.

101. Enquanto casa da comunhão, a comunidade é chamada a celebrar frequentemente o perdão e a misericórdia do Senhor. Isso acontece de modo privilegiado, no sacramento da Penitência. A Igreja não é a comunidade dos perfeitos, mas dos pecadores perdoados e em busca do perdão (Mt 9,13), "não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa" (EG, n. 47). A experiência do amor misericordioso de Deus, faz dos discípulos do Senhor embaixadores da misericórdia. Estes são impelidos a constituir comunidades de discípulos missionários abertos ao diálogo, à acolhida, à compreensão e à compaixão (Lc 15,11-32). Igualmente, é necessário formar comunidades dispostas a percorrer um caminho de discernimento espiritual, buscando a verdade do Evangelho.

3.2.3. Pilar da Caridade: serviço à vida plena

"Eles eram perseverantes (...) na comunhão fraterna". (At 2,42)

102. Na fé cristã, a espiritualidade está centrada na capacidade de amar a Deus e ao próximo. Rezar e servir, amar e contemplar, são realidades indispensáveis para o discípulo de Jesus Cristo. Sem oração não existe vida cristã autêntica. Sem caridade, a oração não pode ser considerada cristã. Quando se contempla Deus, percebe-se a beleza do pequeno e do simples, e se educa o olhar para ver as necessidades do outro. Somente um olhar interessado pelo destino do mundo e do ser humano permitirá experimentar a dor pela situação que rege a história, mas que é superada pelo amor de Deus que a envolve. Somente contemplando o mundo com os olhos de Deus, é possível perceber e acolher o grito que emerge das várias faces da pobreza e da agonia da criação (LS, n. 53).

103. A Igreja reza, em sua liturgia, dirigindo-se ao Pai, recordando que Jesus "sempre se mostrou cheio de misericórdia pelos pequenos e pobres, pelos doentes e pecadores, colocando-se ao lado dos perseguidos e marginalizados. Com a vida e a palavra, anunciou ao mundo que sois Pai e cuidais de todos como filhos e filhas".[44] Igualmente, suplica: "Dai-nos olhos para ver as necessidades e os sofrimentos dos nossos irmãos e irmãs; inspirai-nos palavras e ações para confortar os desanimados e oprimidos; fazei que, a exemplo de Cristo, e seguindo o seu mandamento, nos empenhemos lealmente no serviço a eles".[45]

104. As questões sociais, a defesa da vida e os desafios ecológicos da atual cultura urbana globalizada têm que ser enfrentados pelas nossas comunidades e também pelas Igrejas

44 MISSAL ROMANO. *Oração Eucarística VI-D:* Jesus que passa fazendo o bem.
45 Idem.

particulares, em nível local, regional e nacional, em uma postura de serviço, diálogo, respeito à dignidade da pessoa humana, defesa dos excluídos e marginalizados, compaixão, busca da justiça, do bem comum e do cuidado com o meio ambiente. Trata-se de chorar "com os que choram" (Rm 12,15). "Saber chorar com os outros: isso é santidade" (GeE, n. 76). "Não sejamos uma Igreja que não chora diante desses dramas de seus filhos jovens. Nós queremos chorar para que a sociedade também seja mais maternal para que, em vez de matar, aprenda a dar à luz, para que seja promessa de vida. Choramos quando recordamos os jovens que já morreram pela miséria e pela violência, e pedimos que a sociedade aprenda a ser mãe solidária" (ChV, n. 75).

105. A Igreja anuncia o "Evangelho da paz" (Ef 6,15), que é Jesus Cristo em pessoa (Ef 2,14). Isso significa não ignorar nem deixar de enfrentar os desafios da violência explícita ou institucionalizada pelas injustiças sociais, tarefa profética que exige ação de denúncia e anúncio, sendo voz dos sem voz, mas, também, promovendo atitudes de não violência. A justiça é fidelidade à vontade de Deus e se concretiza especialmente no compromisso com os excluídos e demais marginalizados que vivem nas periferias: "aprendei a fazer o bem: buscai o direito, socorrei ao oprimido, fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva" (Is 1,17).

106. A evangelização do mundo urbano não pode prescindir da questão do trabalho. "O trabalho humano é uma chave, provavelmente a chave essencial, de toda questão social" (LE, n. 3).[46] A solidariedade com quem sofre as consequências do desemprego e do trabalho precário, é, pois, uma expressão importante de caridade, devendo se manifestar pela atuação organizada dos cristãos leigos e leigas.

46 SÃO JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Laborem Exercens:* sobre o trabalho humano. Roma, 6 de agosto de 1964; cf. FRANCISCO. *Encontro com Trabalhadores*, em Gênova, 12/05/2017.

107. Igualmente, a caridade se expressa no empenho e na atuação política dos cristãos e das Comunidades Eclesiais. "A caridade deve animar a existência inteira dos fiéis leigos e, consequentemente, também a sua atividade política vivida como 'caridade social'" (DCE, n. 29). A boa política é um meio privilegiado para promover a paz e os direitos humanos fundamentais.[47] A caridade, portanto, "é o princípio não só das microrrelações (...), mas também das macrorrelações como relacionamentos sociais, econômicos, políticos. A omissão dos cristãos nesse campo pode trazer gravíssimas consequências para a ação transformadora na Igreja e no mundo" (CNBB, Doc. 105, cap. III).

108. O Papa Francisco insiste em dizer que deseja uma "Igreja pobre para os pobres" (EG, n. 198). Trata-se de superar as ambições, o consumismo e a insensibilidade diante do sofrimento. Afirmou Bento XVI: "A opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com a sua pobreza" (DAp, n. 3). Todos os cristãos devem buscar uma vida simples, austera, livre do consumismo e solidária, capaz da partilha de bens: "ser pobre no coração: isso é santidade" (GeE, n. 70). Somente assim, a Igreja será "casa dos pobres" como proclamou São João Paulo II (NMI, n. 50), porque hoje e sempre "os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho".[48] Há que se afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres.

109. É missão da comunidade cristã a promoção da cultura da vida (DGAE 2015-2019, n. 64) através do enfrentamento dos desafios que a ela se impõe: a questão da violência e suas diversas faces; a falta de moradia digna; as condições que levam e mantêm

47 FRANCISCO. *Mensagem para o 52º Dia Mundial da Paz*, 1º de janeiro de 2019.
48 BENTO XVI. Encontro com os Bispos do Brasil na Catedral da Sé em São Paulo. Discurso (11 de maio de 2007). In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Pronunciamentos do Papa Bento XVI no Brasil.* Brasília: Edições CNBB, 2007, n. 3, p. 30-31. Cf. EG, n. 48

populações em situação de rua e encarcerada; "a complexa realidade das migrações humanas";[49] o abandono e exploração das crianças e dos idosos; a falta de perspectiva para a juventude e a crise familiar; o complexo mundo do trabalho, da educação, da saúde, do transporte; as provocações do ambiente acadêmico universitário, da ciência e da tecnologia; as problemáticas que envolvem os meios de comunicação social e as novas mídias e as questões concernentes ao incentivo de uma ecologia integral (LS, n. 137).

110. Contemplar o Cristo sofredor na pessoa dos pobres significa comprometer-se com todos os que sofrem, buscando compreender as causas de seus flagelos, especialmente as que os jogam na exclusão. A ausência de sentido para a vida é fonte de grande sofrimento. De fato, a correria do cotidiano, a exigência de metas e desempenho e a lógica da eficiência afetam a qualidade de vida na sociedade atual, cada vez mais urbanizada, individualizada e consumista. O vazio tende a colocar em crise o sentido da vida para muitas pessoas. A frustração, especialmente de jovens, emerge quando não se consegue alcançar o desempenho sugerido pela sociedade de infinitas possibilidades. Também os cristãos são afetados por essa crise de sentido que gera cansaço, depressão, pânico, transtornos de personalidade e até o suicídio. Essa situação ocorre porque se vive em uma sociedade que sustenta tudo ser possível, especialmente com o avanço das novas tecnologias.

111. A situação dos migrantes e refugiados preocupa a Igreja. Os fenômenos migratórios se desenvolvem pela busca de condições dignas de vida. Muitas vezes os migrantes saem à procura de possibilidades irreais e acabam desiludidos.[50] Não falta quem se aproveite de sua situação para explorá-los com

49 SÃO JOÃO PAULO II. *Mensagem por ocasião do Dia Mundial dos Migrantes e dos Refugiados*, 2000.
50 XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, Documento final.* (Documentos da Igreja - 51). Brasília: Edições CNBB, 2019, n. 26.

sofrimentos de todo tipo. Muitas comunidades cristãs desenvolvem um olhar atento aos migrantes e refugiados, acolhendo-os em seus espaços, protegendo-os, promovendo-os e integrando-os,[51] como também providenciando recursos para alimentação e sobrevivência, fortalecendo-os pela solidariedade e pela fé. Uma comunidade cristã precisa ter as portas abertas para o migrante, pois seus membros devem reconhecer que a acolhida ao "estrangeiro" é expressão concreta do amor que salva (Mt 25). Os cristãos precisam perceber no migrante e no refugiado a expressão da condição humana que os faz todos estrangeiros e peregrinos na terra em que habitam (Hb 11,13).

112. De modo especial, preocupa a rejeição dos que chegam de outros países ou regiões, com costumes e compreensões diferentes de vida, concretizando-se verdadeiras situações de xenofobia, que nos impedem de ver no outro nosso irmão. Entretanto, "ninguém deveria ver-se obrigado a fugir da sua pátria. Mas o mal é duplo quando, diante destas circunstâncias terríveis, os migrantes se veem lançados nas garras dos traficantes de pessoas, para atravessar as fronteiras; e é triplo se, chegando à terra, na qual julgavam encontrar um porvir melhor, são desprezados, explorados e até escravizados!".[52] A Igreja, diante da crescente propagação de novas formas de segregacionismo e racismo é conclamada a tornar-se testemunha humilde e laboriosa do amor de Cristo e a "cumprir e inspirar gestos que possam contribuir para construir sociedades fundadas no princípio da sacralidade da vida humana e no respeito pela dignidade de cada pessoa, na caridade, na fraternidade e na solidariedade".[53]

51 Ibidem, n. 137.
52 FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos participantes do III Encontro Mundial dos Movimentos Populares*. (Sendas - 8). Brasília: Edições CNBB, 2016.
53 FRANCISCO. *Discurso aos participantes na conferência mundial sobre o tema "xenofobia, racismo e nacionalismo populista, no contexto das migrações mundiais"*, quinta-feira, 20 de setembro de 2018.

113. A Igreja, igualmente, preocupa-se com os povos indígenas, quilombolas e pescadores, reconhece e defende seus direitos, entre os quais a permanência em seus territórios. Reconhece a presença dos nômades e defende seus direitos. Desses povos há grupos inseridos nos ambientes das cidades que se esforçam por preservar suas próprias culturas, inclusive a sua língua materna, e até mesmo, a sua identidade religiosa. As comunidades quilombolas têm conquistado direitos e oportunidades de resgatar sua história, seus heróis e seus valores da cultura dos afrodescendentes. Esta pluralidade de culturas em nada ameaça a soberania nacional, ao contrário, enriquece uma grande nação formada por diversos povos.

3.2.4. Pilar da Ação Missionária: estado permanente de missão

"Passando adiante, anunciava o Evangelho a todas as cidades". (At 8,40)

114. Um mundo cada vez mais urbano, embora possa assustar, é, na verdade, uma porta para o Evangelho, e as comunidades cristãs precisam ter um olhar propositivo sobre essa realidade, cientes de que Deus "preparou uma cidade para eles" (Hb 11,16) (LF, n. 50-57).[54] Ele é quem abre a porta da fé (At 14,27) (PF, n. 1) em um mundo plural e sedento de sentido e de vida plena, só alcançáveis em Deus. Ele sempre visita a humanidade: "Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, eu entrarei em sua casa e tomarei refeição com ele, e ele comigo" (Ap 3,20). Cabe especialmente à Igreja, como "sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano" (LG, n. 1; EN, n. 23b), guiada pelo Espírito Santo, incentivar a

54 FRANCISCO. Carta Encíclica *Lumen Fidei*: a luz da fé. (Documentos Pontifícios - 16). Brasília: Edições CNBB, 2013.

descoberta das sementes do Verbo, presentes nas várias culturas, e promover o encontro dessas culturas com Jesus Cristo, que as ilumina.

115. A missão é intrínseca à fé cristã, pois "conhecer Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria" (DAp, n. 29). Precisamos perceber que, "se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência, é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida" (EG, n. 49).

116. A missão, irradiação da experiência do amor gratuito e infinito de Deus, supõe um anúncio explícito da Boa-Nova de Jesus Cristo. Atualmente, o querigma não pode ser dado como pressuposto, nem mesmo entre os membros da própria comunidade. "Sucede não poucas vezes que os cristãos sintam maior preocupação com as consequências sociais, culturais e políticas da fé do que com a própria fé, considerando esta como um pressuposto óbvio da sua vida diária. Ora, um tal pressuposto não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado. Enquanto, no passado, era possível reconhecer um tecido cultural unitário, amplamente compartilhado no seu apelo aos conteúdos da fé e aos valores por ela inspirados, hoje parece que já não é assim em grandes setores da sociedade devido a uma profunda crise de fé que atingiu muitas pessoas" (PF, n. 2).

117. A comunidade expressa sua missionariedade também quando "assume os compromissos que colaboram para garantir a dignidade do ser humano e a humanização das relações sociais" (CNBB, Doc. 100, n. 185) tais como gestos de acolhida, amparo na tribulação, consolação no luto, defesa de direitos e

sede de justiça. Isso pede que a comunidade missionária desenvolva a cultura da proximidade, do encontro e do diálogo com as diversas realidades. Merecem atenção especial os cinturões de pobreza em suas diversas formas, nas grandes cidades e demais regiões do país.

118. Para ser missionária, a comunidade eclesial necessita também se inserir ativa e coerentemente nos novos areópagos (CNBB, Doc. 105, n. 250-273), dentre os quais se encontram as redes sociais. Com um olhar propositivo, é imprescindível reconhecer as oportunidades para a propagação do Evangelho que a cultura midiática oferece. São novos recursos, linguagens e meios para evangelizar. Entretanto, é indispensável agir com discernimento, pois "o próprio consumo de informação superficial e as formas de comunicação rápida e virtual podem ser um fator de estonteamento que ocupa todo o nosso tempo e nos afasta da carne sofredora dos irmãos" (GeE, n. 108) Além disso, possibilitam a difusão de notícias e informações mentirosas, as *fake news*, de forma rápida e com graves consequências para as pessoas, as comunidades e a sociedade.[55] Nesse sentido, o Papa Francisco convida a tomarmos consciência de que "somos membros uns dos outros" (Ef 4,25). Por isso, é necessário restituir à comunicação uma perspectiva ampla, baseada na pessoa, onde a interação é entendida sempre como diálogo e oportunidade de encontro com o outro. Uma comunidade é uma rede entre as pessoas em sua totalidade.[56]

119. A Igreja e o mundo podem ouvir a voz de Deus também por meio dos jovens, que constituem um dos lugares teológicos onde o Senhor está presente. A Igreja faz uma opção preferencial por eles (DP, n. 1186-1187).[57] Pode ocorrer que a

55 FRANCISCO. *Mensagem para o 52° Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 2018.
56 FRANCISCO. *Mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações*, 2019.
57 CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ. Instrução *Dignitas Personae*. Roma: 8 de setembro de 2008; cf.: CNBB. *Evangelização da Juventude*. (Documentos da CNBB - 85). Brasília: Edições CNBB, 2019.

juventude perceba a realidade de modo diferente do restante da comunidade, porém, em clima de diálogo, os jovens devem ser acolhidos, respeitados e acompanhados. Assim, a comunidade eclesial pode se renovar, se converter e perceber os sinais de Deus neste tempo. Especialmente aos jovens é vital fazer perceber que cada vocação batismal é um chamado para a santidade. Isso implica propor-lhes um percurso que os leve a fazer escolhas definitivas na fidelidade à vocação recebida. O Sínodo de 2018 reforça que a Igreja é chamada a "uma mudança de perspectiva", encontrando no exemplo de santidade de tantos jovens dispostos a renunciar à vida em meio a perseguições, um forte sinal de fidelidade ao Evangelho.[58] Seu testemunho, pode contribuir para renovar o ardor espiritual e o vigor apostólico das comunidades. Nessa comunhão, os jovens poderão ser ainda mais missionários entre os jovens.

120. Enfim, a Igreja é mãe de coração aberto, casa aberta do Pai (EG, n. 46-47), que "conclama a todos para reunirem-se na fraternidade, acolher a Palavra, celebrar os sacramentos e sair em missão no testemunho, na solidariedade e no claro anúncio da pessoa e da mensagem de Jesus Cristo" (DGAE 2015-2019, n. 14).

3.3. Rumo à Casa da Santíssima Trindade

121. A Igreja peregrina atua na sociedade porque se autocompreende como sacramento universal de salvação que tem um fim escatológico (LG, n. 9; 48). A ação evangelizadora e pastoral tem como meta a salvação da pessoa e da humanidade. Salvação que se entende integral, "da alma e do corpo, é o destino final ao qual Deus chama todos os homens" (PD, n. 15).[59]

58 XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Documento Final.* (Documentos da Igreja - 51). Brasília: Edições CNBB, 2019.

59 CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ. *Carta Placuit Deo aos Bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da salvação cristã.* (Documentos da Igreja - 42). Brasília: Edições CNBB, 2018.

É participação na obra de Cristo que veio salvar e conduzir a todos à Casa do Pai, onde há muitas moradas. Essa perspectiva do fim último deve marcar toda e cada ação da Igreja na história. Essa dimensão escatológica, que suscita a esperança que vence a morte, é uma importante força da espiritualidade cristã. A comunidade dos discípulos missionários de Jesus Cristo é guiada pelo Espírito Santo, que a todos conduz à Casa definitiva do Pai, onde há muitas moradas (Jo 14,2). Por isso, a comunidade eclesial reúne um povo de peregrinos a caminho do Reino de Deus, rumo à Pátria trinitária (Fl 3,20).

122. Esse povo da Nova Aliança cumpre um papel preponderante, criando, por meio de sua participação responsável, especialmente na vida pública, novas condições de existência, promissoras de uma nova humanidade. O Reino de Deus germina, assim, nesse mundo tumultuado, por meio da inculturação do Evangelho, sinalizando o triunfo do amor de Cristo sobre os mecanismos de morte.

123. Em seu empenho missionário, a ação evangelizadora da Igreja no Brasil tem como fundamento o querigma, e expressa a necessidade de fortalecer a esperança dos cristãos, como testemunhas da ressurreição de Cristo em um mundo carente de sentido e de ética. Pela esperança fomos salvos (Rm 8,24), por isso, a Igreja, lar dos cristãos, vive da certeza de que habitará na tenda divina, casa da Trindade, em uma Aliança eterna e definitiva com Deus (Ap 21,2-5) (CNBB, Doc. 100, n. 94).

CAPÍTULO 4

A IGREJA EM MISSÃO

"Era grande a alegria na cidade". (At 8,8)

124. As dimensões do Brasil, variado e dinâmico em modos de vida, realidades econômicas, sociais e culturais, quantidade de possibilidades e dificuldades, nos levam a acreditar que é impossível pensar de maneira uniforme a ação evangelizadora. Somente com o olhar da fé, da caridade cristã e do ardente desejo de anunciar Jesus Cristo, é possível apontar horizontes a partir de perspectivas transversais que toquem todas as realidades, independentemente das circunstâncias locais.

125. O modelo para a nossa ação é, e sempre será, a comunidade dos primeiros cristãos, perseverantes na escuta dos apóstolos, na comunhão fraterna, na partilha do pão, nas orações e na missão (At 2,42; 8,4). Trata-se de uma novidade sempre antiga, mas, ao mesmo tempo, tão atual, que nos permite tirar do tesouro coisas novas e velhas (Mt 13,52). A comunidade é o estilo de vida cristã que desejamos incansavelmente realizar; é testemunho do Evangelho encarnado na história, encravado nas realidades, comprometido com as dores e lutas dos homens e das mulheres, dos jovens, das crianças e dos idosos do nosso país, expressão de uma realidade nova: o Reino de Deus.

126. Existem muitas possibilidades para aplicar as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. Todas

partem da comunidade e continuam a fazer referência a ela. Pequenas ou grandes, no campo ou na cidade, a partir de paróquias ou de grupos reconhecidos pela autoridade eclesial, a comunidade é o ambiente de testemunho determinante para anunciar a Boa-Nova e acolher quem dela se aproxima e ir ao encontro das pessoas.

127. É necessário que os planos de pastoral sejam cronologicamente elaborados para períodos mais curtos, para poderem acompanhar e se adequarem às rápidas transformações em um mundo cada vez mais urbano. Necessitam, igualmente, ser capazes de dialogar com as diversas realidades e visões nelas presentes.

128. A vida comunitária é terreno fértil para o anúncio e o encontro com Jesus Cristo. Ela interpela o individualismo reinante, o subjetivismo que potencializa o eu como parâmetro da verdade, o egoísmo que gera e se alimenta da cultura de morte, evitando que o homem e a mulher contemporâneos virem náufragos de si mesmos. O empenho por constituir comunidades cristãs maduras na fé deve, portanto, ser a meta das dioceses, paróquias, CEBs, comunidades novas, movimentos, associações, serviços e famílias.

4.1. A Comunidade Casa

129. A Igreja no Brasil, em sua ação evangelizadora, assume o compromisso de formar comunidades que vivam como Casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Ação Missionária. Nelas, as pessoas, movidas pelo Amor da Trindade Santa, vivenciem e testemunhem a comunhão fraterna, como em família, entre amigos, irmãos na fé, companheiros de jornada nas estradas da vida, peregrinando rumo à Pátria Definitiva. Enquanto casa, as comunidades que queremos são espaço do encontro, da ternura e da solidariedade, o lugar da família e têm suas portas abertas.

130. Abrir as portas para acolher os irmãos e as irmãs é um sinal profético em um mundo no qual o individualismo, o medo da violência e o predomínio das relações virtualizadas, e no qual os espaços físicos das casas se tornam cada vez menores e menos vivenciais. Nesse contexto, ser comunidade é, em si, profecia.

131. As comunidades eclesiais missionárias se reúnem também em espaços que não sejam residências, por exemplo: salões comunitários, espaços nas igrejas, espaços públicos e até mesmo improvisados. As relações fraternas, e não o local em que se reúnem, é que são significadas pela imagem da casa.

4.1.1. Casa: espaço do encontro

132. Nossas comunidades precisam ser oásis de misericórdia (MV, n. 12) no deserto da história, casas de oração profunda, de mergulho no sagrado mistério revelado pelo Amor do Pai. Devem deixar de lado toda burocratização que afasta, toda aparência de empresa que presta serviços religiosos, para caminhar apressadamente no compromisso de se transformarem em lugar de encontro com Deus.

133. Este encontro com Deus se dá na celebração cheia de vida, no silêncio que permite a escuta, na harmonia que revela a plena beleza de Deus. O encontro com Deus é também intermediado pelo encontro com o irmão que tem nome, história, dores, alegrias, sonhos, conquistas e deseja ser acolhido, tornando-se presença significativa na vida da comunidade. O Papa Francisco nos lembra como a comunidade, por ser lugar do encontro com Deus e com os irmãos, é espaço de santificação: "A comunidade, que guarda os pequenos detalhes do amor e na qual os membros cuidam uns dos outros e formam um espaço aberto e evangelizador, é lugar da presença do Ressuscitado, que a vai santificando segundo o projeto do Pai" (GeE, n. 145).

4.1.2. Casa: lugar da ternura

134. Nossas comunidades precisam ser lugar do olhar, do abraço e do afeto: olhar o outro e ver nele um irmão, imagem de Deus; acolhê-lo e perceber nele alguém que partilha de um destino comum. A este propósito, nos exorta o Apóstolo São Paulo: "Que o amor fraterno vos una uns aos outros, com terna afeição, estimando-vos reciprocamente" (Rm 12,10). Em nossas comunidades, a afetividade, a empatia, a ternura com o irmão devem ser as marcas desta casa da fraternidade, que promove o que o Papa Francisco chama de "revolução da ternura" (EG, n. 88). "Devemos privilegiar a linguagem da proximidade, a linguagem do amor desinteressado, relacional e existencial, que toca o coração, a vida, desperta esperança e desejos" (ChV, n. 211).

135. A comunidade empenhe-se em ser lugar de encontro fraterno, como os primeiros cristãos que eram "um só coração e uma só alma" (At 4,32). Por comungarmos do mesmo pão, na Eucaristia, na Palavra e na vida, somos irmãos que caminham juntos e devemos afeto mútuo, um querer bem que tire toda apatia à dor alheia, uma consciência lúcida de que, por rezarmos chamando a Deus de Pai nosso, como Jesus nos ensinou, somos irmãos universais e nada que diga respeito à alegria e à dor do outro, pode nos ser indiferente (Lc 10,25-37; 16,19-31). "Se alguém possui riquezas neste mundo, e vê o seu irmão passar necessidade, mas diante dele fecha o seu coração, como pode o amor de Deus permanecer nele?" (1Jo 3,17).

136. Necessitamos, portanto, de comunidades que ajudem na abertura para o outro, que superem a superficialidade de relações mecanicistas, fundadas no fazer coisas. O fazer terá sustentabilidade na afeição, no bem-querer, no desejo de estar juntos e de partilhar a vida, inspirando-nos na vivência fraterna e solidária das primeiras comunidades.

137. Em um mundo de violência e ódios crescentes, com o acirramento das polarizações e a destruição como resposta aos problemas, as comunidades eclesiais missionárias, através de relacionamentos fraternos profundos, iluminados pelo Evangelho, são profeticamente locais de reconciliação, perdão e resiliência.

4.1.3. Casa: lugar das famílias

138. Entre todas as realidades que compõem as comunidades de fé, a família demanda atenção renovada. A Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* nos impele a ir ao encontro das famílias, com atenção especial e ternura de quem coloca uma ovelha ferida no colo. A família é ponto de chegada para nossa ação pastoral e ponto de partida para a vida comunitária mais ampla. "O amor vivido nas famílias é uma força permanente para a vida da Igreja" (AL, n. 88). Ir ao encontro das famílias, em sua realidade concreta, com as luzes e sombras e com as contradições inerentes à condição humana e acolhê-las na comunidade eclesial há de ser meta de toda comunidade.

139. A proximidade com as famílias em sua condição real de vida ajudará a experimentar a misericórdia de Deus que, em Jesus, se aproximou da viúva que enterrava o seu filho único (Lc 7,11-17), da sogra de Pedro, que sofria doente (Lc 4,38-40), de Jairo e de sua filha que estava morrendo (Lc 8,40-56) e de outras famílias e pessoas que necessitavam da sua presença, da sua palavra e da sua consolação.

140. As famílias constituem-se como sujeito fundamental da ação missionária da Igreja, lugar de iniciação à vida cristã. Animadas pela vida comunitária, nas diversas realidades eclesiais, podem assumir o compromisso de alargar o horizonte do seu lar, ampliando as dimensões do coração, para acolher

os irmãos e irmãs e formar Igrejas domésticas naquele espírito da comunidade primitiva, a exemplo de Priscila e seu esposo Áquila (Rm 16,5). A comunidade eclesial missionária pode, de fato, acontecer nos lares e grupos de famílias que se tornem núcleos comunitários onde a Igreja se reúna para meditar a Palavra, rezar, partilhar o pão e a vida. Uma capilaridade original pode nascer deste impulso missionário de famílias que busquem os que lhes são próximos e os acolham em momentos de espiritualidade no seu lar.

4.1.4. Casa: lugar de portas sempre abertas

141. A comunidade, como lugar de portas sempre abertas, é também indicação para a missão. Quem está dentro é chamado a sair e ir ao encontro do outro onde quer que ele esteja. Ela nunca poderá ser compreendida como casa de irmãos se fechar suas portas para as pessoas mais vulneráveis. Estas devem ter espaço prioritário em nossas comunidades, sentindo e sabendo que serão acolhidas, vendo em cada comunidade cristã uma porta, misericordiosamente, aberta. Não poderá haver uma comunidade autenticamente cristã que não seja Porta de Misericórdia para todos que precisam. É chegada a hora de multiplicar essas portas nas igrejas, capelas, obras sociais, escolas, universidades, movimentos, congregações religiosas, comunidades novas e outras associações. É hora de assumirmos, com maior radicalidade, a proposta de descentralização e capilarização da experiência eclesial, gerando redes de comunidades, conforme apresentado no *Documento de Aparecida* (n. 172 e 372) e pelo documento *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia*.

142. Não basta abrir as portas para acolher quem vier, em uma atitude de espera dos que chegam. É preciso ir ao encontro do outro onde quer que ele esteja. Seguindo o exemplo do

Mestre, que alcança os discípulos que voltavam desanimados para Emaús (Lc 24,13-35), precisamos praticar um acolhimento ativo (Lc 15), que vá ao encontro dos que demandam socorro.

143. "Naquele 'ide' de Jesus (Mt 28,19) estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja e, hoje, todos somos chamados a esta nova 'saída' missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar este chamado: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam" (EG, n. 20). É o "ide" que, hoje, precisamos escutar de novo para, em atitude de missão, abrir a porta da misericórdia a todos os irmãos onde eles estiverem. Esta santa ousadia impulsiona a novas atitudes e novas posturas, à descoberta de novos lugares e de antigas possibilidades esquecidas, de novos interlocutores, no desejo ardente de fazer o outro experimentar o amor de Deus que se revela na atitude misericordiosa.

4.2. Os pilares da comunidade

144. A comunidade eclesial missionária, como ambiente de vivência da fé e forma da presença da Igreja na sociedade, é sustentada por quatro pilares fundamentais: Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária.

4.2.1. Pilar da Palavra: iniciação à vida cristã e animação bíblica da vida e da pastoral

145. A iniciação à vida cristã se refere, principalmente, à adesão a Jesus Cristo, não se esgotando na preparação aos sacramentos do Batismo, Confirmação e Eucaristia. Fundamenta-se na centralidade do querigma, o primeiro anúncio. "Primeiro" significa que "é o principal", que sempre se tem de voltar a

anunciar e a ouvir de diversas maneiras (EG, n. 164). Este primeiro anúncio desencadeia "um caminho de formação e de amadurecimento" (EG, n. 160) que é o catecumenato, propriamente dito. Este é um tempo de acompanhamento em vista da iluminação da vida a partir da fé cristã. "Para se chegar a um estado de maturidade" (EG, n. 171). Nossas comunidades precisam ser mistagógicas, lugar por excelência da iniciação à vida cristã, preparadas para favorecer que o encontro com Jesus Cristo (DAp, n. 246-257, 278) se faça e se refaça permanentemente.

146. "A Igreja funda-se sobre a Palavra de Deus, nasce e vive dela. (...) O Povo de Deus encontrou sempre nela sua força e, também hoje, a comunidade eclesial cresce na escuta, na celebração e no estudo da Palavra de Deus" (VD, n. 3). Essa centralidade da Palavra na vida das comunidades cristãs é fundamental para a identificação e configuração com a "Palavra [que] se fez carne" (Jo 1,14). Por isso, a Sagrada Escritura precisa estar sempre presente nos encontros, nas celebrações e nas mais variadas reuniões.

147. Em consequência, a Igreja particular deve se esforçar para introduzir os discípulos em um percurso de iniciação à vida cristã que se configure como um itinerário de formação, com inspiração catecumenal, centrado na leitura orante da Palavra de Deus. Esse itinerário é decisivo para dar respostas adequadas aos desafios da catequese em nosso tempo. A capacidade de diálogo, de leitura das "sementes do Verbo", de posicionamento nos areópagos modernos (RM, n. 37c; 38) é resultado de uma fé madura, que não desiste de buscar águas mais profundas (Lc 5,1-11). Suscitar esta sede de caminhar, deve ser missão das comunidades e lideranças.

148. A *lectio divina* ou leitura orante da Sagrada Escritura é um meio privilegiado de contato com a Palavra, que não é letra morta, mensagem formal ou instrumento de estudo, simplesmente. Sem

aceitar o subjetivismo na interpretação da Bíblia, é necessário abrir o coração para fazer dela alimento que, entrando pela mente, toque o coração, nutra o espírito, transforme a vida e seja o critério da experiência comunitária e da ação missionária.

149. A Sagrada Escritura é patrimônio comum de todas as Igrejas cristãs. É importante que ela se torne sempre fonte inspiradora de oração comum, de fraternidade e de conversão. Por meio dela, os cristãos, em suas variadas denominações, são convocados a se unirem, buscando, na prática ecumênica, seu único Senhor e caminhando para a superação do escândalo da divisão.

Encaminhamentos práticos

150. Assumir o caminho de iniciação à vida cristã, de inspiração catecumenal, com a necessária reformulação da estrutura paroquial, catequética e litúrgica, com especial atenção à catequese para a recepção e vivência dos sacramentos com crianças, jovens e adultos (sacramentos da iniciação cristã e demais).

151. Revisar, a partir dos desafios do mundo urbano, o dinamismo das comunidades eclesiais missionárias, possibilitando que o anúncio de Jesus Cristo transforme pessoas, famílias, ambientes, instituições e estruturas sociais.

152. A apresentação de Jesus Cristo necessita ser cada vez mais explicitada, não podendo mais ser considerada como tranquila e vinculada aos mecanismos de iniciação sociocultural. Daí a importância da iniciação à vida cristã, a ser disponibilizada pela Igreja, tantas vezes quantas forem necessárias, inclusive para quem já tenha recebido os três sacramentos da iniciação cristã.

153. A comunicação e o anúncio da pessoa de Jesus Cristo não podem ser apenas teóricos. É indispensável possibilitar

experiências concretas da vida eclesial a partir da dimensão de relacionamento fraterno (At 2,4-5), diante de um contexto de forte individualização e consumo, inclusive do religioso.

154. Incentivar iniciativas ecumênicas de encontros fraternos e de formação bíblica em nossas comunidades.

155. Universalizar o acesso à Sagrada Escritura, assumindo-a como alma da missão (DV, n. 21).[60] Cada pessoa não só deve ter uma Bíblia, como deve ser ajudada pela comunidade a fazer dela fonte de estudo, oração, celebração e ação.

156. Priorizar pequenas comunidades eclesiais, ao redor da Bíblia, como fruto imediato da visitação missionária. Para tanto, é fundamental a formação de lideranças leigas que possam coordenar, com espírito de mobilização e de oração, essas comunidades.

157. Assumir a leitura orante da Palavra como método, por excelência, para o contato pessoal e comunitário com a Sagrada Escritura.

158. Implantar centros de estudo sobre a Palavra de Deus em todas as realidades da vida eclesial, contando com o suporte dos cursos de teologia, dos seminários, das faculdades e universidades católicas.

159. Utilizar o potencial das redes sociais, desenvolver e difundir aplicativos, para que a Palavra alcance todas as pessoas em todas as situações.

4.2.2. Pilar do Pão: liturgia e espiritualidade

160. A Eucaristia e a Palavra são elementos essenciais e insubstituíveis para a vida cristã. Para que a comunidade de fé

60 CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum*: sobre a Divina Revelação. In: SANTA SÉ. *Concílio Ecumênico Vaticano II*: Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 175-198.

seja casa aberta para todos, exercendo o acolhimento ativo, a dinâmica da saída como conatural à sua existência, ela precisa se nutrir do essencial, daquele "Pão da vida" (Jo 6,35) que revigora para a caminhada rumo ao Reino definitivo. A liturgia é o coração da comunidade. Ela remete ao Mistério e, a partir deste, ao compromisso fraterno e missionário.

161. Em consequência, "as comunidades eclesiais que se reúnem em torno da Palavra precisam valorizar o domingo, o Dia do Senhor, como o dia em que a família cristã se encontra com o Cristo. O domingo, para o cristão, é o dia da alegria, do repouso e da solidariedade" (CNBB, Doc. 100, n. 276-277). Essa valorização do Dia do Senhor exige ações concretas como manter as Igrejas abertas; cuidar que haja clima efetivo de acolhida àqueles que chegam; flexibilizar horários para atender as necessidades dos fiéis; oferecer oportunidade de participar da celebração da Palavra onde efetivamente não for possível a celebração eucarística; incentivar a criação da pastoral litúrgica; valorizar o ministério da celebração da Palavra de Deus; cuidar da qualidade da música litúrgica.

162. É necessário promover uma liturgia essencial, que não sucumba aos extremos do subjetivismo emotivo nem tampouco da frieza e da rigidez rubricista e ritualística, mas que conduza os fiéis a mergulhar no mistério de Deus, sem deixar o chão concreto da história de fora da oração comunitária. "A verdadeira celebração e oração exigem conversão e não criam fugas intimistas da realidade, ao contrário, remetem à solidariedade e à alteridade" (CNBB, Doc. 100, n. 279). A comunidade deve beber da riqueza da Reforma Litúrgica, a fim de evitar retrocessos que afetam a vida das comunidades cristãs que assimilaram as determinações do Concílio Vaticano II.

163. Em tempos de individualismo extremo, em que o eu parece ser o centro de tudo, é preciso dar o salto para uma

espiritualidade comunitária, na qual a oração pessoal e comunitária sejam abertas ao coletivo, especialmente aos que estão nas periferias sociais, existenciais, geográficas e eclesiais. "É necessário evitar a separação entre culto e misericórdia, liturgia e ética, celebração e serviço aos irmãos" (CNBB, Doc. 100, n. 275).

Encaminhamentos práticos

164. Resgatar a centralidade do domingo como Dia do Senhor por meio da participação na Missa Dominical ou, faltando essa, na Celebração da Palavra. Somente situações excepcionais podem justificar a ausência nesse momento central da vivência da fé cristã. A assembleia eucarística é considerada "alma do domingo" (DD, n. 34 e cap. 3)[61] e, não sem razão, entre os mandamentos da lei de Deus, está a guarda do Domingo e dos dias Santos e, razão pela qual, entre os mandamentos da Igreja, encontra-se o dever da participação na celebração eucarística nesse dia (CIgC, n. 2042; CIC, cân. 1246-1248).

165. Onde efetivamente não for possível celebrar a Eucaristia, realizam-se celebrações da Palavra de Deus, com os diáconos permanentes ou com ministros leigos devidamente formados e instituídos. Importa que a comunidade não deixe de se reunir para celebrar o Dia do Senhor e os momentos importantes, tanto de alegria, quanto de dor e de esperança. Para tal, seja conhecido e valorizado o recente Documento 108 da CNBB: *Ministério e celebração da Palavra.*

166. Incentivar a piedade popular, historicamente construída e enraizada, como caminho de aprofundamento da fé e não apenas realidade meramente cultural ou folclórica. A fé simples e encarnada deve ser acolhida e iluminada pela Palavra de

61 JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Dies Domini sobre a santificação do domingo*, 1998.

Deus e por orientações da Igreja. Assim, garante-se não apenas a identidade católica, como também se evita sucumbir diante das pressões mercadológicas, com a criação artificial de devoções.

167. Valorizar o canto litúrgico, o espaço sagrado e tudo que diz respeito ao belo como serviço à vida espiritual. Nesse sentido, incentive-se a comunhão entre as pastorais da Liturgia, da Catequese, da Cultura e da Arte Sacra.

168. Respeitar o ano litúrgico em suas especificidades, tanto no conteúdo quanto na forma. Deve-se tomar grande cuidado com celebrações peculiares realizadas para atender necessidades e interesses individuais, sem relação alguma com o tempo litúrgico em que ocorrem e que, por vezes, desfocam a importância da centralidade do Domingo e da participação na comunidade paroquial.

169. Zelar pela qualidade da homilia, cuidando para que a vida litúrgica lance raízes profundas na existência e na vida comunitária e social. "A homilia é o ponto de comparação para avaliar a proximidade e a capacidade de encontro de um Pastor com o seu povo. De fato, sabemos que os fiéis lhe dão muita importância; e, muitas vezes, tanto eles como os próprios ministros ordenados sofrem: uns a ouvir e os outros a pregar. É triste que assim seja" (EG, n. 135).

170. Reconhecer que o trabalho dos meios de comunicação social de inspiração católica é um dom de Deus para a Igreja no Brasil. Suas transmissões, sobretudo das missas, atingem um enorme contingente de fiéis que não podem ir às igrejas. Pela influência que exercem nas comunidades locais e por sua importância para a catequese e evangelização, que as missas televisionadas e transmitidas pelo rádio e pela internet, estejam em conformidade com as normas litúrgicas e as orientações aprovadas e já divulgadas pela CNBB. A revisão das práticas

litúrgicas, considerando a teologia e a eclesiologia do Concílio Vaticano II, poderá favorecer um grande passo para a evangelização no Brasil. Que os responsáveis acolham o acompanhamento e a assessoria das Comissões Episcopais para a Liturgia e para a Comunicação, em vista da construção conjunta de uma linguagem litúrgica que garanta a unidade na diversidade.

4.2.3. Pilar da Caridade: a serviço da vida

171. Em atenção à Palavra de Jesus e ao ensinamento da Igreja, especialmente sua doutrina social, que iluminam os critérios éticos e morais, nossas comunidades devem ser defensoras da vida desde a fecundação até o seu fim natural. A vida humana e tudo que dela decorre e com ela colabora, precisa ser objeto da nossa atenção e do nosso cuidado: do nascituro ao idoso, da casa comum ao emprego, saúde e educação. O cuidado para com os direitos humanos, as políticas públicas que sustentam a sua aplicação, hão de estar no horizonte da ação dos discípulos de Jesus, chamados a realizar as obras de misericórdia, tanto em âmbito pessoal, quanto comunitário e social.

172. "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo e nada existe de verdadeiramente humano que não encontre eco em seu coração" (GS, Proêmio, n. 1). Estas palavras do Concílio Vaticano II na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* continuam atuais e necessitam ressoar em nossas comunidades como um alerta para com esta solidariedade universal constitutiva da vida cristã. Todas as pessoas, especialmente quando feridas pelas marcas da cultura de morte que insiste em existir devido ao pecado, estejam no âmbito do nosso olhar pastoral.

173. É cada vez mais comum em muitas famílias haver membros de várias igrejas e até de diferentes religiões. A mobilidade humana e as migrações favorecem a diversidade religiosa. A solidariedade pode ser vivenciada por todos, favorecendo o mútuo conhecimento e a valorização de tudo que nos une. Por isso, maior testemunho haverá se, na defesa da vida e no cuidado para que ela seja vivida com dignidade, os cristãos trabalharem juntos em projetos comuns.

Encaminhamentos práticos

174. Promover a solidariedade com os sofredores nas cidades como sinal privilegiado a interpelar e a permitir o diálogo com a mentalidade urbana. Enquanto a cidade tende ao individualismo que acaba por excluir, a vivência do Evangelho necessita explicitamente gerar experiências de solidariedade e inclusão. Junto aos que sofrem, especialmente os que sequer têm direito à sobrevivência, a Igreja é chamada a reproduzir a imagem do Bom Samaritano (Lc 10,25-37).

175. Priorizar as ações com as famílias e com os jovens, como resposta concreta aos sínodos da família (2014 e 2015) e da juventude (2018), para que, sustentados e animados pela comunidade de fé, possam ser sal e luz, mantendo viva a esperança do Reino. A ação pastoral junto às famílias e aos jovens deve estar presente em todas as comunidades, abrindo-se espaços para diferentes formas de vivência da mesma fé.

176. Aguçar a atenção às inúmeras (DAp, n. 65 e 402) e novas formas de sofrimento e exclusão, nem sempre acolhidas pela ação caritativa e sociotransformadora até então desenvolvida. É preciso ousar ainda mais e transformar o acolhimento e a fraternidade da vida de comunidade, em apoio à resiliência e encontro de novos rumos para a vida.

177. Integrar o contato com a Palavra de Deus, lida pessoalmente e em comunidade, com os desafios que brotam do sofrimento humano, partilhando as experiências vividas. A partir da Palavra de Deus, os discípulos missionários são estimulados a compreender e enfrentar esta realidade como um desafio à vivência da fé, pois, em cada irmão que sofre, é o Senhor sofrendo nele.

178. Desenvolver grupos de apoio às vítimas da violência, nas suas mais variadas formas, de modo especial as agredidas pela dependência química, as que perderam entes queridos em razão da violência ostensiva e as que se veem tentadas a retirar a própria vida e a de inocentes que estão por nascer, bem como todos os atentados contra a vida.

179. Encorajar o laicato a continuar o empenho apostólico, inspirado na Doutrina Social da Igreja, pela transformação da realidade a partir do engajamento consciente em todas as realidades temporais: política partidária, pastorais sociais, mundo da educação, conselhos de direitos, elaboração e acompanhamento de políticas públicas (CNBB, Doc. 107), o cuidado da natureza e todo o planeta, nossa Casa Comum. Continuar apoiando a organização do conselho do laicato nos níveis nacional, regional e local.

180. Contribuir para o resgate do espaço público da cidade como ágora e foro, lugar de encontro, convivência, deliberação e inclusão dos "não citadinos", "meio citadinos" ou "resíduos urbanos", de modo que se garanta para todos o direito de ser cidade (EG, n. 74-75).

181. Inserir na lista de prioridades das comunidades de fé o cuidado para com a Casa Comum, em sintonia com o magistério social do Papa Francisco. Na medida da necessidade, implantar a Pastoral da Ecologia, sob a égide da Ecologia Integral, que comporte um novo modo de estar e viver no mundo.

182. Apoiar e incentivar as pastorais da mobilidade humana em todas as esferas da Igreja, com presença junto a migrantes, refugiados, grupos nômades (ciganos, povo do mar, circenses e rodoviários), turistas, entre outros. Em um mundo que está todo em movimento, a questão migratória deve ser encarada com ânimo renovado.

183. Assumir como prioridade a promoção da paz com a superação da violência em todas as suas formas. É fundamental reconhecer que os conflitos não se resolvem com o acesso e uso das armas. É preciso promover a justiça restaurativa como via para a prevenção e a diminuição do agravamento de conflitos.

184. Ser a voz dos que clamam por vida digna. A comunidade, Casa da Caridade a serviço da vida, não pode abdicar desta preocupação e responsabilidade. Terra, trabalho e teto são três palavras-chave, expressão das preocupações centrais do Papa Francisco com a situação dos excluídos do mundo contemporâneo.

185. Firmar e fortalecer, a partir da identidade cristã, as iniciativas de diálogo ecumênico e inter-religioso, empenhados na defesa dos direitos humanos e na promoção de uma cultura de paz e "caminhar decididamente para formas comuns de anúncio, de serviço e de testemunho" (EG, n. 246).

4.2.4. Pilar da Ação Missionária: estado permanente de missão

186. "Onde Jesus nos envia? Não há fronteiras, não há limites: envia a todos" (ChV, n. 177). Deve ser meta das comunidades cristãs consolidar a mentalidade missionária. A missão é o paradigma de toda a ação eclesial. Ela, então, precisa ser assumida dessa forma (EG, n. 15). Por isso, o Papa Francisco apresenta um modelo missionário para os nossos tempos: a *iniciativa* de procurar as pessoas necessitadas da alegria da fé; o

envolvimento com sua vida diária e seus desafios, tocando nelas a carne sofredora de Cristo; o *acompanhamento* paciente em seu caminho de crescimento na fé; o reconhecimento dos *frutos*, mesmo que imperfeitos; a alegria e a festa em cada pequena vitória (EG, n. 24).

187. O cristão é convidado a comprometer-se missionariamente, "como tarefa diária", em "levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos", de modo informal, "durante uma conversa", "espontaneamente, em qualquer lugar", "de modo respeitoso e amável". O primeiro momento é o *diálogo*, que estimula a partilhar alegrias, esperanças e preocupações; o segundo é a *apresentação da Palavra*, "sempre recordando o anúncio fundamental: o amor de Deus que se fez homem, entregou-se por nós e, vivo, oferece sua salvação e sua amizade"; por fim, "se parecer prudente e houver condições, é bom que esse encontro fraterno e missionário se conclua com uma breve *oração* que se relacione com as preocupações que a pessoa manifestou" (EG, n. 127-128).

188. Só podemos nos imaginar comunidade de fé, que segue os passos de Cristo Jesus e busca nele o seu modelo de vida, se vamos ao encontro do outro, no seu lugar concreto, anunciando o próprio Senhor com sua presença amorosa. Uma palavra que seja vida é a mais eloquente ação missionária. É esta presença e este testemunho que o mundo espera das comunidades cristãs. Um desejo de "cheiro de ovelha" deve permear toda missão e preparar o caminho para o anúncio explícito de Jesus Cristo.

Encaminhamentos práticos

189. Investir em comunidades que se autocompreendam como missionárias, em estado permanente de missão, indo além de uma pastoral de manutenção e se abrindo a uma autêntica

conversão pastoral (DAp, n. 366 e 370). Novos lugares, novos horários, linguagem renovada e pastoral adequada às novas demandas da população são algumas características das respostas esperadas.

190. Acompanhar de perto a realidade urbana com a criação de observatórios ou organismos semelhantes que percebam os ritmos de vida das cidades, suas tendências e alterações.

191. Desenvolver os projetos de visitas missionárias a áreas e ambientes mais distanciados da vida da Igreja. Estabelecer um cronograma de visitas, de modo que se possa acompanhar o amadurecimento das pessoas e estimular a formação de novas comunidades, sempre alicerçadas na Palavra, no Pão e na Caridade. Evitar realizar visitas únicas ou pontuais, destinadas apenas a apresentar a realidade eclesial já existente.

192. Favorecer a missão e a comunhão pastoral entre as Igrejas que atuam nas grandes metrópoles brasileiras. Estabelecer caminhos para a troca de experiência, reunindo bispos, mas também agentes de pastoral que lidam especialmente com os aspectos mais desafiadores.

193. Dinamizar ainda mais as ações *ad gentes* com o intercâmbio além-fronteiras de discípulos e o revigoramento da experiência das Igrejas-Irmãs. Precisamos fortalecer a consciência missionária de tal modo que a missão *ad gentes* seja aprofundada, assumida e fortalecida nas Igrejas particulares e também em nível regional e nacional por meio de gestos concretos como oração, ajuda financeira, envio de missionários e atenção especial aos que retornam.

194. Considerar uma prioridade pastoral histórica o investimento de tempo energia e recursos com os jovens.[62] Formar

62 XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Documento final.* (Documentos da Igreja - 51). Brasília: Edições CNBB, 2019, n. 119.

acompanhadores de jovens, promover missões juvenis em vista da renovação de experiências de fé e de projetos vocacionais e abrir espaços para que os jovens criem novas formas de missão, por exemplo, nas redes sociais (ChV, n. 240, 241 e 246).

195. Investir na presença nos Meios de Comunicação Social, especialmente nas redes sociais, deve ser um constante desafio aceito pelas comunidades e vivenciado de modo testemunhal e missionário. As redes sociais "constituem uma extraordinária oportunidade de diálogo, encontro e intercâmbio entre as pessoas. A *web* e as redes sociais criaram uma nova maneira de comunicar-se".[63] Como ponto de partida para falar sobre Jesus Cristo, elas devem apresentar a vida e o sentimento de pessoas e comunidades cristãs que, diante das intolerâncias e da ausência de fraternidade, sejam uma luz para todos que as acessem.

196. Valorizar, urgentemente, como espaços missionários os hospitais, as escolas e as universidades, o mundo da cultura e das ciências, os presídios e outros lugares de detenção. Em espaços assim, a presença fraterna e orante é o ponto de partida para o anúncio e a formação de comunidades.

197. Priorizar a pessoa como objetivo da ação missionária. A Cultura do Encontro deve ser o pano de fundo para a missão permanente. Percursos de acompanhamento espiritual, que contemplem cada pessoa na sua individualidade, buscando sair da lógica das massas para entrar na dinâmica do Mestre que se põe a caminho para estar com os desanimados discípulos que voltavam para Emaús (Lc 24,13-35), escutando suas angústias e oferecendo-lhes a luz da Palavra e da Eucaristia, são também caminhos de uma autêntica missão.

63 Ibidem, n. 87.

198. Implantar e aperfeiçoar os Conselhos Missionários em todos os níveis (paróquia, diocese e regional) deve ser uma meta perseguida por toda a Igreja no Brasil. Esses Conselhos sejam animadores e articuladores da acolhida e presença do espírito missionário em nossas comunidades por meio da programação, execução e revisão das ações missionárias (RM, n. 84).

199. "Promover as Pontifícias Obras Missionárias, organismo oficial da Igreja Católica, que trabalha para intensificar a animação, formação e cooperação missionária e tem como objetivo 'promover o espírito missionário universal do Povo de Deus'".[64]

200. Acolher e concretizar as prioridades e projetos do Programa Missionário Nacional: formação, animação missionária, missão *ad gentes* e compromisso social e profético.

201. Olhar a Amazônia como um dom de Deus e, por isso mesmo, como uma responsabilidade para todos os brasileiros, mais imediata para os que lá se encontram, na certeza, porém, de que somos todos corresponsáveis.

202. Valorizar a dimensão mariana e outras formas de piedade popular na evangelização e missionariedade da Igreja, considerando que Maria foi a primeira missionária, que animou os discípulos na comunidade primitiva, com sua presença, fé e esperança.

64 CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. *Cooperação Missionária – Cooperatio Missionalis*. Documentos da Igreja 24. Brasília: Edições CNBB, 2015, n. 5.

CONCLUSÃO

203. Estas Diretrizes foram elaboradas para ajudar a Igreja no Brasil a responder aos desafios evangelizadores de Brasil cada vez mais urbano. São desafios humanos e religiosos, sociais e políticos, culturais e ambientais que atingem a todos, em todas as partes, indistintamente. Como resposta inculturada a esses desafios, as Diretrizes destacam a centralidade das *comunidades eclesiais missionárias*, com a imagem da casa, sustentada sobre pilares.

204. É fundamental valorizar o processo de implantação destas Diretrizes. Não se pode deixar seduzir pela ideia – muito mais cômoda, talvez – de que o caminho já esteja pronto. Saber-se Povo de Deus a caminho do Reino, em processo, portanto, faz toda diferença para a evangelização e, nela, para a implementação dessas Diretrizes. A pedagogia do processo mais do que um recurso metodológico, é uma mística profundamente enraizada na espiritualidade cristã. Portanto, em todas as propostas, como pano de fundo, deve estar presente a ideia do processo como método e como mística.

205. Os pilares – Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária – correspondem à natureza mesma da Igreja, que busca em seu tesouro coisas novas e velhas (Mt 13,52). Em um tempo em rápida mutação, no qual se valoriza a novidade pela novidade, os pilares podem deixar a impressão de que se está apenas repetindo o que sempre foi dito. No entanto "não se trata de inventar um 'programa novo'. O programa já existe: é o mesmo de sempre, expresso no Evangelho e na Tradição viva.

Concentra-se, em última análise, no próprio Cristo que temos de conhecer, amar e imitar para nele viver a vida trinitária e com Ele transformar a história até a sua plenitude na Jerusalém celeste. (...) Mas, é necessário traduzi-lo em *orientações pastorais ajustadas às condições de cada comunidade*" (NMI, n. 29). Aqui está a sabedoria da Igreja.

206. Em continuidade com uma história de compromisso e dedicação à obra evangelizadora, importa transformar estas Diretrizes em projetos pastorais que, respeitando a unidade da Igreja em todo o Brasil, respondam às realidades regionalmente diversificadas. Uma recepção criativa levará em conta o que ora é apresentado; avaliará o caminho pastoral feito até o momento e realizará um planejamento aberto à participação de todas as pessoas que atuam nos vários âmbitos da Igreja.

207. Essas Diretrizes precisarão inspirar a formação, o planejamento e as práticas de todas as instâncias eclesiais: comissões pastorais da Conferência Episcopal, Regionais, Igrejas particulares, paróquias, seminários, pastorais, comunidades ambientais, movimentos, associações, novas comunidades, organismos, universidades e escolas católicas, meios de comunicação eclesiais, entre outros.

208. Por isso, além de uma leitura pessoal atenta dessas Diretrizes, é indispensável a realização de assembleias ou reuniões de estudo, em que haja diálogo e troca de opiniões. Em ambiente de oração, é preciso avaliar o caminho pastoral até então percorrido, dialogar a respeito das escolhas e dos meios aptos para concretizá-las. Assim, cada Igreja particular elaborará seu Plano de Pastoral. Também as paróquias e as diversas comunidades são chamadas a fazê-lo.

209. Estas Diretrizes foram elaboradas com a participação dos diversos seguimentos da Igreja no Brasil, em uma dinâmica

sinodal, aprovadas e colocadas a serviço das Igrejas particulares exatamente no período em que a Igreja se volta ainda mais para a Amazônia, com seus povos e suas culturas, sua história e seu bioma. Bendizemos a Deus pela ação evangelizadora desenvolvida na Amazônia ao longo dos séculos. Elevamos ação de graças a Deus pelos incontáveis missionários e missionárias que, entregando suas vidas, algumas vezes silenciosamente e outras de forma martirial, mantêm vivo, na realidade amazônica, o anúncio do Evangelho da vida e da paz.

210. Sob a proteção da Bem-aventurada Virgem Maria, Senhora da Conceição Aparecida, a Igreja se coloca confiante, na esperança de que as Diretrizes cumpram a função para a qual foram elaboradas, e sirvam como instrumento para manifestar a *alegria do Evangelho* a todos os corações, especialmente os sofridos e desesperançados. Enfim, toda a nossa ação evangelizadora pressupõe uma atitude discipular para escutar o que o Mestre está pedindo à Igreja no Brasil, na certeza de que "se o Senhor não construir a casa, em vão trabalham os que a constroem; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia aquele que a guarda" (Sl 127[126],1).